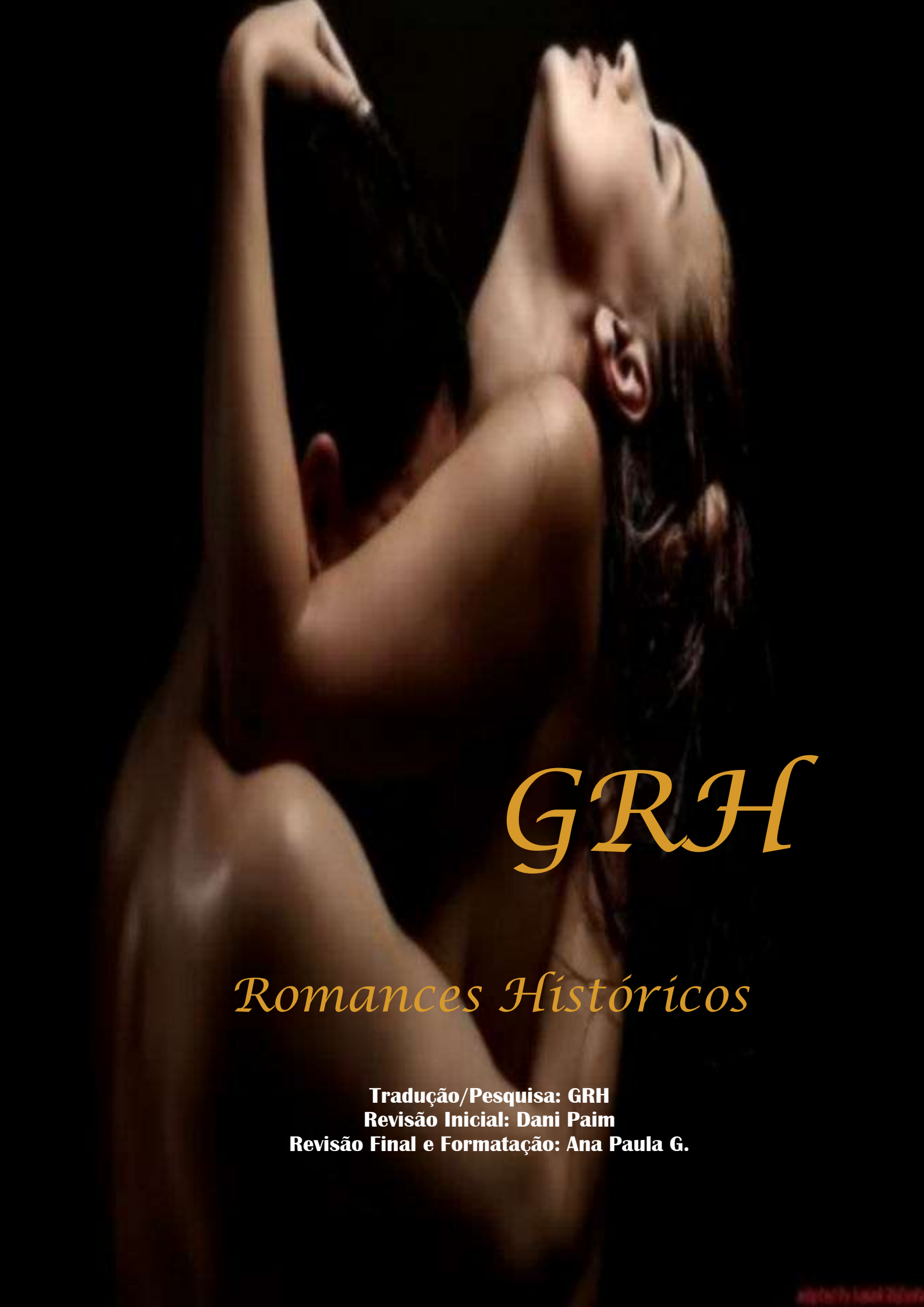




GRH

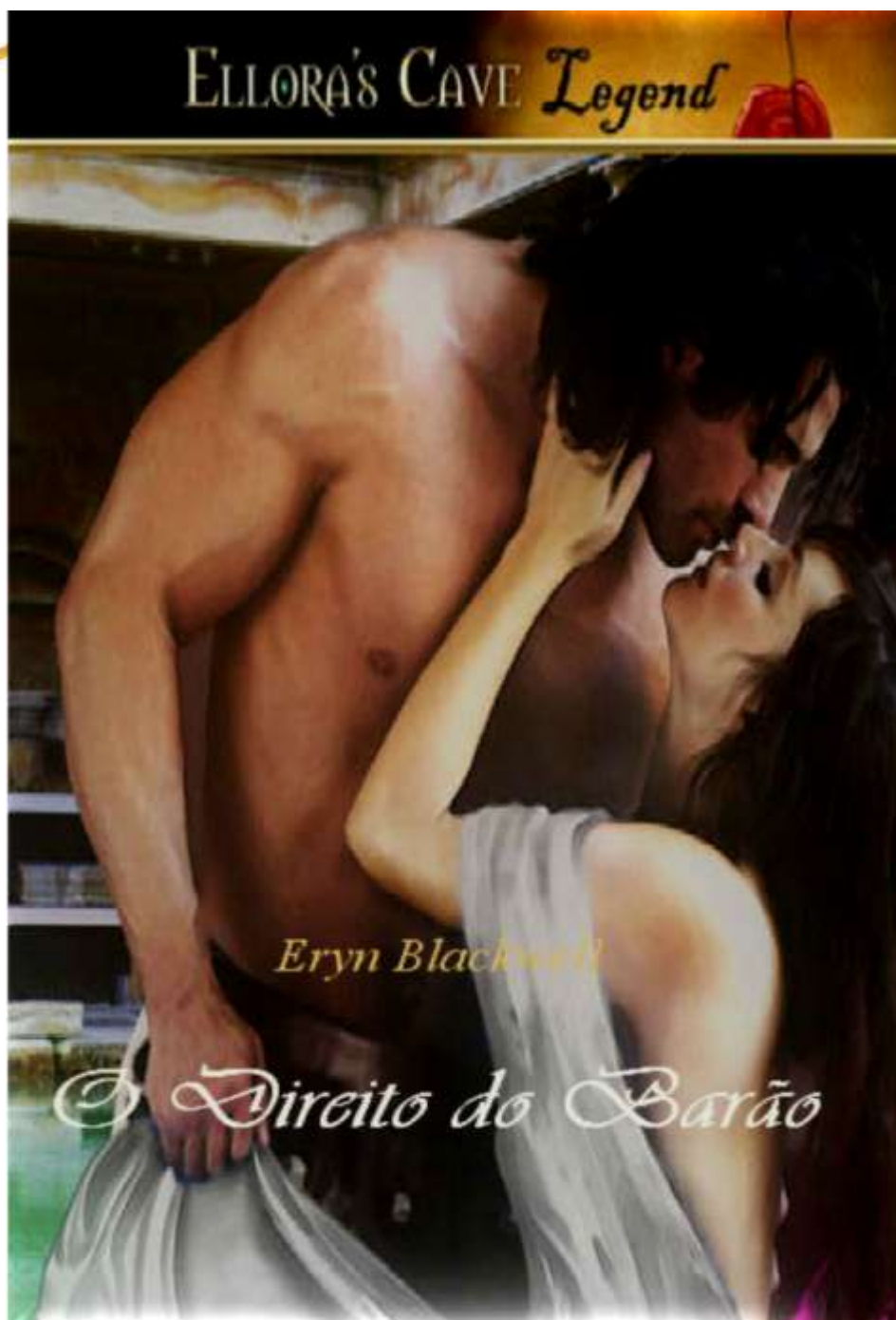
Romances Históricos

Tradução/Pesquisa: GRH
Revisão Inicial: Dani Paim
Revisão Final e Formatação: Ana Paula G.



Eryn Blackwell

O Direito do Barão





Resumo

A paixão se inflama entre uma cautelosa curandeira e um cavaleiro desgastado pelas batalhas.

Acelwyn é uma curandeira, uma mulher independente, com ideias próprias, que jura que nunca ficará à mercê de qualquer homem. Roidan, um grande guerreiro, aprecia sua nova propriedade, concedida a ele pelo rei mas nada incendeia seu sangue, sua paixão como a curandeira sensual que ele jura que será dele.

Embora Acelwyn esteja atraída pelo novo barão está mais interessada em mantê-lo vivo e ficar fora das garras de outro homem. Roidan promete protegê-la de todo mal, não quer que nenhum outro a tenha. Um homem de fortes apetites ele a inicia no prazer sexual. Mas será que a paixão será suficiente para manter Acelwyn amarrada a ele? Se não, ele irá mantê-la de qualquer maneira, como é o direito do barão.

Comentário da Revisora Dani:

Só tenho a dizer: UAU!!!!!!

Comentário da Revisora Ana Paula G:

Olha,gurias...é um típico Elloras Cave.O herói é um barão normando que toma posse de um castelo e de tudo ao redor,inclusive a heroína.

Ela é uma curandeira(se bem que não vi a mocinha curando ninguém..kkkk) e tem um noivo ao qual foi vendida pelo pai.

Resolve se tornar amante do Barão para se livrar do noivo.A partir daí, vocês já devem imaginar.É só rala e rola o livro todo..huahhaha...Não esperem história porque não tem mesmo...Algumas coisas aqui e ali, nas raras vezes em que os dois não estão na horizontal,na vertical...Nosso herói não tem preconceitos..kkkkkk

Capítulo Um

A noite estava avançando com violência, pesada e carregada no ar. Acelwyn sabia o que estava por vir. A aldeia inteira sabia que o Lobo estava chegando, o lord saxão. O novo barão chegaria a qualquer momento e o velho barão— o Dinamarquês, por trás das suas muralhas— não duraria. As batalhas eram uma forma constante de vida ali naquela terra árida do Mar do Norte. Se não eram os dinamarqueses combatendo os saxões, eram os Vikings atacando.

O velho barão, sem dúvida, morreria— ele tinha afinal prometido lealdade ao novo rei Alfred, e depois tentou conspirar e derrubá-lo. Suas terras tinham sido tiradas dele, e ao ouvir essa notícia, ele matou os homens do rei e agora estava atrás das muralhas.

Não que ela se importava. O velho barão era um homem vingativo e mau, que atacava as mulheres jovens da aldeia. Ele vendeu a própria sobrinha a Valmor, o comerciante, que por sua vez pediu um alto preço pela virgindade da menina para algum viking.

Pobre mulher.

Acelwyn estremeceu e apertou mais o manto em torno de si, afastando o frio que soprava do mar. Ali na aldeia de Dakar, sempre parecia frio, especialmente nesta época do ano, quando a volúvel deusa do tempo enviava gelo e neve, ou chuva e granizo, dependendo de seu humor.

Desta posição, ela podia ver do outro lado da enseada, a terra há pelo menos um dia de cavalgada pelas falésias, do outro lado. Barcos eram mais rápidos. O cais na parte inferior das falésias já fervilhava com mais atividade do que o normal. Navios do novo barão estavam ancorados nas docas. Qual era o dele ela não sabia, já que todos eram iguais. Cinco no

total. Homens corriam, alguns da aldeia, alguns novos em desconhecidas túnicas e armaduras. No vento poderia vagamente ouvir os sons da azáfama, dos cavalos sendo descarregados e carretas sendo carregadas, do ranger das armaduras. Dali, ela poderia facilmente ver que o desembarque do exército não encontrava qualquer resistência e eles não encontrariam até a fortaleza, e talvez nem lá.

Não havia ponte deste lado conectando-os ao continente, não como algumas das outras ilhas que os soldados falavam. Não, ali havia apenas o mar. Ela podia vislumbrar a costa do continente através do luar. Olhou para cima e sabia que antes do amanhecer, haveria um nevoeiro na costa, ondulando lentamente. Fechou os olhos e respirou fundo, o cheiro de chuva pesava no ar, diferente do cheiro salgado do mar.

O nevoeiro vinha do continente e sempre trazia consigo o cheiro do rico solo.

Ela muitas vezes se perguntou como seria a vida no continente, mas preferia a vida ali— com todos ao seu redor, para quem era importante, e com os poucos amigos que não se afastaram dela.

A maioria não.

Mas alguns sim. Alguns ainda a achavam estranha, pensavam nela como uma bruxa, mesmo quando, muitas vezes, vinham até ela e pediam ajuda, para que os curasse, ou a seus males.

O que o novo barão da Ilha Draco acharia? Ele seria um bom líder?

Ela tinha ouvido histórias de suas proezas em batalha, sua determinação e crueldade.

Estas coisas não eram incomuns naqueles que chegavam ao poder. Querendo ou não, não poderiam ter compaixão ou misericórdia, deixando apenas a justiça ou a honra de forma aparente.

A deusa sabia...O velho barão não tinha nenhum desses atributos. Não, o homem gostava demais da crueldade e da libertinagem para se preocupar com a moral mais elevada.

Ela ouviu um tinir de arreios, o som dos cascos de um cavalo enquanto esse se movia ao longo do caminho atrás dela, exatamente na beira das árvores.

Deveria se virar?

Ou ficar onde estava?

O vento soprou e ondulou o manto em volta dela, jogando os longos fios de cabelo em seu rosto.

Ele pensou que a tivesse imaginado. Aquela figura solitária, os longos cabelos ruivos voando descontroladamente, enquanto ele observava o descarregamento dos navios de um lugar logo abaixo, escondido por uma colina e várias árvores. Quando virou a cabeça em direção as docas, alguma coisa, algum pressentimento, fez a parte de trás do seu pescoço se arrepiar. Olhou para a ladeira acima e a viu. A mulher sobre as falésias com o cabelo longo.

O desejo endureceu tanto seu pau que cavalgar estava sendo realmente desconfortável. Ele franziu a testa e se mexeu.

Quem era ela e o qual era o seu propósito ali? Se tivesse um homem ele não se perguntava onde estava a esta hora? Será que ele não mantinha um rígido controle sobre ela?

Talvez fosse viúva. Ou uma mulher solitária...

Ele sorriu.

Quem quer que fosse, ela seria dele. Se pertencia a esta terra agora pertencia a ele.

Ela se mexeu, olhou para trás por cima do ombro em direção a ele. Naquele momento o luar brilhou sobre a tez pálida. Não tinha idéia da cor

de seus olhos, ou se sardas dançavam na pele clara. De onde estava, o perfil quase escondido por uma capa que ela havia puxado em torno dela era perfeito. Pelo que ele pode perceber ela era uma mulher alta.

–Você sempre encara as mulheres? – perguntou, a voz suave e rouca na brisa da noite.

Ele estreitou o olhar para ela e desmontou, seu cavalo empinou para o lado como se também não tivesse certeza de quem ou mesmo o que era aquela mulher.

Aquietou o corcel e o acariciou no pescoço.

–Vamos ver se ela vale a pena – ele sussurrou.

Pensou ter ouvido a mulher bufar, mas não tinha certeza.

Ela continuava a olhar para a baía, onde seus barcos estavam atracados.

Parou logo abaixo de onde a moça estava. Olhou para cima, surpreso por ver um penhasco íngreme.

–Você não deveria estar aqui sozinha. – disse ele.

Ela enrolou-se ainda mais na capa e encontrou seu olhar, a sobancelha erguida.

–Alguém diria que você também não deveria estar aqui.

Ah. Ele inclinou a cabeça, repousando a mão sobre o punho da espada, não como defesa, mas por hábito.

Outra brisa soprou do mar, salgada, ondulando em torno deles, de forma que a fragrância dela —floral e especiarias —o seduziu. Respirou fundo outra vez, inundando seus pulmões com aquele perfume.

–O que você acha?

Ela continuou a olhar para a atividade lá embaixo. Finalmente, respondeu.

–Acho que os homens são homens. Eles anseiam por poder e controle e amaldiçoam qualquer um que ficar em seu caminho. Pegam o

que querem, nunca se preocupam com a destruição que podem deixar para trás.

—Quanta veemência.

—Não é? Você acha que amplas definições cabem em todas as situações? — Ela riu e o som foi tão sombrio, tão evasivo como o cheiro dela à luz do luar.

—Eu mereço isso. Talvez nem sempre.

Ela se virou para ele então, o olhar persistente enquanto o estudava.

—Bem, você deve ocupar um posto alto entre os homens do novo barão.

Foi a vez dele ficar surpreso.

—O que a faz dizer isso?

Ela apontou para a atividade abaixo.

—Você não está lá embaixo seguindo ordens, descarregando o que só a deusa sabe.

—Suprimentos — defendeu-se.

—Pelo menos o novo barão não é um idiota — ela murmurou.

Ele mordeu o lábio inferior, admirando sua audácia. Se perguntou se normalmente achava isso divertido. Provavelmente não, mas porra, estava cansado e feliz por finalmente estar ali, por finalmente criar raízes. Mesmo que fosse nesta terra no fim do mundo.

Longe das lutas. Embora tivesse que proteger e defender o povo e esta terra do ataque ocasional de vikings.

—Poucos o chamaram assim. — ele respondeu.

—E viveram?

Ele franziu o cenho.

—Eu... — não queria que ela soubesse quem era ainda. —Eu não acredito que o barão seja o tipo de pessoa que ataque outra por uma opinião.

Ela deu de ombros.

–Você luta sob a bandeira dele, não poderia dizer outra coisa, não é?

Ele relaxou a postura e se virou mais para ela.

–Talvez não. Fale sobre esta terra. Eu sei do que foi dito ao barão: que é uma terra boa, mas tem sido pouco utilizada pelo barão atual.

Ela inclinou a cabeça, o vento puxando os fios de cabelo vermelho, escuro como o vinho ao luar.

–Então, você poderá relatar ao seu soberano?

Ele olhou para o topo da subida.

–São os rumores, não é? Será que ele se esconde por trás das muralhas? Atrás de seus homens?

Ela bufou.

–O barão, o velho, tem escondido muitas coisas a vida toda.

Ele franziu o cenho.

–Você não gosta dele?

–Não tem nada a ver com gostar. Se alguém deve ser um líder, tem que comandar, precisa do respeito de seu povo. Se isso está faltando, todo o resto é apenas uma ilusão, dever e obrigação por medo.

Ela acenou com a mão em direção as colinas atrás deles.

–Informe ao seu senhor, para prestar atenção quando vier. Não haverá risos, nem vozes de crianças cantando ou rindo. As mulheres ficam escondidas por uma boa razão e seus homens trabalham em um medo silencioso sabendo o que poderia acontecer com a vida daqueles que amam.

Ele não disse nada por um momento, se perguntando se a mulher diria mais. Adorava a maneira como as mãos dela se moviam enquanto falava, a maneira como o pescoço gracioso acenava, o modo como colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Seu perfume era inebriante.

–O Rei Alfred quer a lealdade do povo daqui. – disse ele. –Será que eles a darão?

Ela balançou a cabeça.

–Eu não sei. Eles seguiram o velho barão antes porque não havia outra escolha.– O olhar dela encontrou o seu com uma ferocidade, uma intensidade que tinha visto nos anciões, nos que sua mãe chamava de sábios.

–Diga a seu barão para lhes dar uma escolha, para dar uma razão para quererem se comprometer com ele e, assim com Alfred. Se não o fizerem, então os force. Força é, afinal, o que eles costumam usar.

–Mas não você?

Ela riu, mas não tinha nenhum humor.

–Eu nunca tive uma escolha. Vou onde sou conduzida, onde me mandam. Que escolha tenho afinal?

–E quem a guia?

Ao invés de responder, ela respirou fundo e puxou o manto mais perto.

–Eu preciso ir, antes que fique tarde.

Não gostou do fato dela estar ali sozinha, mas achou que ter alguém esperando-a para aquecer a cama era ainda mais irritante.

Irritante? Era o inferno.

–Quem está esperando por você?

Ela balançou a cabeça e deu mais um passo para trás na direção as árvores.

–Espere – ordenou.

Ela correu para a beira das árvores e voltou-se.

–Seja melhor do que quem está aqui. Essas pessoas merecem.

–Quem é você?

Ela hesitou por um momento.

–Posso ser encontrada na última cabana perto do córrego. Sou a curandeira.

Com isso, ela correu para as árvores. Ele esporeou o cavalo, tentando subir a encosta para segui-la. A jovem não deveria estar fora de casa no meio da noite. Ele não conhecia essa floresta, as pessoas ou qualquer coisa sobre o maldito lugar.

Seu lugar.

Dakar, na Ilha de Draco.

Um cavalo bufou perto da beira das árvores, não muito longe da trilha que ele havia seguido para a colina.

—Não estamos aqui nem há uma hora e você já encontrou uma moça bonita —disse o tenente, cavalgando para o topo da falésia. Ele desmontou. —Eu sei que faz algum tempo desde que estive entre um par de coxas sedosas, Roidan, mas pensei que iria se assentar na terra primeiro. — Ele riu. —Então, talvez seja o que estava fazendo, hein?

Ele ignorou Cyrus, ainda olhando para o lugar logo acima, nas árvores, onde ela desapareceu.

Talvez devesse ir atrás dela. Talvez a encontrasse amanhã.

A curandeira?

A jovem, em momento algum, disse seu nome.

Gostava de saber o nome das mulheres que levava para cama e por tudo o que era sagrado, saberia o dela em breve.

—O que descobriu? — Perguntou a Cyrus.

—Os moradores estão mais do que felizes em nos ajudar. No início, pareciam com medo, muito tímidos e incertos. Acho que é mais uma falta de confiança na liderança. —ele murmurou.

Roidan não ficou surpreso.

—Eles ajudaram quando solicitado e deixei Darren para ver se alguém tinha assassinado você, — disse Cyrus, sarcasticamente, embora Roidan percebesse a preocupação em sua voz, — Muitos homens estavam se oferecendo para ajudar. Acima de tudo acho que eles estão felizes em nos

ver. Todo mundo queria saber que tipo de homem era o novo barão, embora nenhum deles chegou a fazer esta pergunta.

Ela tinha feito? Não conseguia se lembrar. Ela o advertiu, disse para contar ao barão o que era necessário ali, mas não perguntou que tipo de homem era.

Não importava. Esta era a sua terra agora, este era o seu povo. Ele nunca foi alguém que governasse através do medo, quando outras opções eram mais rentáveis. Nem sempre factível, mas rentável. Medo era, muitas vezes, o último recurso, em sua opinião, quando se podia usar outras opções. Mas o medo muitas vezes servia para seus propósitos também e ele não se abstinha de usá-lo se fosse preciso.

Ali, porém, as pessoas precisavam de...

Esperança.

Bem, esta era a sua esperança, seu pedaço de terra, seu lugar para deixar sua marca, ele reconheceu.

Não deixaria o rei abatido. Amigo ou não, o homem era rei e ele iria seguramente fazer esta terra prosperar, não só em lucros, mas através da generosidade e das pessoas.

—Então, quem era ela? —Cyrus perguntou.

Ele se virou e olhou para baixo, para as docas.

—A curandeira.

—Com uma voz como a dela, ela pode curar qualquer coisa em mim a qualquer hora. —Cyrus brincou.

—Você não vai chegar perto dela — retrucou.

Por um momento, Cyrus apenas o observou. Então sorriu e deu de ombros.

—Como desejar. Uma curandeira. Bem, isso pode vir a ser útil, embora espero que não tão cedo.

—Não diga mais nem uma palavra.

Finalmente, Cyrus perguntou:

–Então quando é que vamos atacar?

Ele suspirou, esfregou a nuca e olhou em direção a fortaleza. Ainda havia um fogo queimando ao longo das muralhas.

–Eles sabem que estamos aqui. Estão esperando por nós.

Capítulo Dois

Acelwyn puxou as ervas da prateleira, testando-as para ver se estavam secas o suficiente para usar na mistura que precisava fazer para a malária, no caso de alguém precisar.

Sabia que seu estoque estava acabando.

Do lado de fora os pássaros chilreavam e cantavam, as pessoas se apressavam. Ninguém estava por perto neste dia. Lottie, a jovem que frequentemente ajudava Acelwyn, tinha parado mais cedo para ajudar a colher agrião perto do córrego.

Enquanto derramava um pouco da água fumegante no jarro sobre as ervas, pensou novamente no novo barão.

Mais especificamente, no homem que ela tinha visto na noite anterior. Era bonito, tinha que admitir. A mandíbula quadrada, com uma barba de pelo menos uma semana que escurecia seu semblante. Os olhos pareciam escuros, inabaláveis. Tinha uma testa alta e parecia ter uma mente aguda —uma coisa rara, pelo menos nos machos.

A voz profunda e calma, tinha acalmado-a, como nenhuma outra coisa há muito, muito tempo.

Ela ficou meio acordada o resto da noite pensando no maldito guerreiro. Então, quando finalmente adormeceu ele assombrou seus sonhos, suas mãos sobre ela, os braços em volta dela, a boca sussurrando promessas em seu ouvido que a fizeram despertar para encontrar-se molhada de desejo e querendo... desejando...

Nunca quis se deitar com um homem antes, não quis deitar-se com o noivo, um comerciante local, que tinha idade suficiente para ser seu pai.

Este homem, este guerreiro agiu furtivamente em seu interior e a fez ver por que as mulheres faziam coisas estúpidas com os homens... na realidade *queriam* estar com eles.

Deitar nua com alguém como ele...

Seus seios ficaram pesados, seu baixo ventre tencionou-se e sentiu a excitação em seu corpo.

–Deusa, eu sou um idiota. – Ela cobriu o jarro e o colocou de lado, sabendo que iria demorar vários dias até que a solução estivesse pronta.

Foco. Agora o que mais tinha que fazer hoje? Oh, sim, tussilagem¹.

Depois de verificar, percebeu que precisava de mais tussilagem para reabastecer o estoque. Teria que ir ao prado, ao longo da linha das árvores para ver se alguma já estava pronta para ser colhida. Seria útil quando o tempo esfriasse e muitos ficassem resfriados e com tosse.

O que iria levá-la ao lado do chalé de Othgar. O comerciante não adiaría por muito mais tempo, mas talvez ela conseguisse protelar mais um pouco.

Enquanto caminhava ao longo da trilha, a bolsa de couro pendurada descuidadamente sobre o ombro, pensou de novo no guerreiro. Talvez ele fosse útil. Quem sabe fosse mesmo um amigo próximo do barão. Embora não pudesse imaginar um amigo próximo de um senhor, isso poderia acontecer e sendo assim, se fosse amiga do guerreiro, talvez ficassem do lado dela e impedissem o casamento com Othgar. Admitia que seu pai havia recebido o preço da noiva e assinado o contrato antes de morrer, mas

¹ **Tussilagem:** planta medicinal antiinflamatória utilizada contra a **tosse** e o catarro, pode ser encontrada principalmente como infusão (chá).

Planta da família das Asteraceae. Também conhecida como costa branca, língua de vaca, tossilagem, tussilago, unha de cavalo, unha de asno. É uma planta pequena e perene que habita os campos úmidos. Suas flores são amarelas que aparecem antes das folhas. A folha se assemelha a um pata de asno. Suas folhas longamente pecioladas, palmadas, tomentosas, com cinco ângulos, esbranquiçadas por baixo, formando uma roseta rente ao chão. Os frutos são aquênios com coroa. Durante o verão, o alimento é armazenado nos rizomas para o ano seguinte início da Primavera.

O nome científico, tussilago, significa o que acaba com a tosse, e o nome popular unha de cavalo, refere-se ao formato das folhas arredondadas.

não queria casar com o horrível homem. Ele machucava as mulheres, já tinha visto e sentiu o peso de sua mão em si mesma muitas vezes.

Mas poderia fazer isso? Aproximar-se do homem do barão na esperança de que um deles pudesse ajudá-la? O que realmente tinha a perder?

–Onde você vai? –Othgar ressoou da porta e havia um outro homem lá falando com ele. Era alguém que ela não conhecia. Outra pessoa do novo barão.

–Estou colhendo algumas ervas.

–Venha aqui.

Ela não respondeu ao bastardo na hora.

–Estou ocupada. Se você precisar de mim, sabe onde estou. Voltarei mais tarde.

–Acelwyn! –Ele gritou.

Continuou andando, esperando que o homem do barão o mantivesse ocupado. Enquanto deixava a vila e avançava na direção das árvores, sabia que tinha escapado, mas Othgar ficaria irritado depois. Ela o envergonhou na frente de outro homem. Ele a faria pagar por isso.

Sabia disso, sem dúvida. A raiva e o orgulho o governavam. Então novamente, estaria irritado.

A brisa soprou a túnica contra seu corpo. Certa vez aquela túnica tinha sido azul, mas agora, depois de tantas lavagens, estava cinzenta.

O sol havia dissipado a neblina e o dia prometia ser bonito. Ela respirou fundo e fechou os olhos. Enquanto fazia uma curva no caminho, debaixo de uma colina, ouviu gritos à sua frente.

Cautelosamente, olhou para ver o que era a comoção e viu muitos dos homens do novo barão.

Eles estavam perto da linha das árvores, não muito longe dela. Os homens do velho barão estavam lá também combatendo. Aço contra aço reberverava no ar.

Ela odiava lutas. O sangue voou de uma lâmina em um alto arco acima da dos homens e ela estremeceu.

O homem que viu na véspera saiu do meio de seus companheiros com o elmo e a cota de malha brilhando ao sol.

Um som acima dela chamou sua atenção. Olhou e viu o velho barão atrás de uma pedra preparando uma flecha, a atenção fixa no grupo de homens.

Não. Esses eram bons homens. Ela não tinha certeza de como sabia disso, mas o fato de não existir lamentos com a chegada do novo barão era um começo. O fato de nenhuma mulher ter sido forçada era outro.

Cuidadosamente, pegou uma pedra e a pesou. Sim, daria.

Os cabelos grisalhos do velho barão sopravam na brisa. Ele não a viu enquanto subia pelo outro lado. Ela podia ouvi-lo murmurando. Covarde.

Não poderia enfrentar o novo barão, então se escondeu atrás de uma pedra e tentava matá-lo?

Precisamente quando chegou logo atrás dele, o velho mirou a flecha.

—Não! —gritou e jogou a pedra, que o acertou no braço justamente quando lançou a flecha, arruinando a pontaria.

Ele gritou e voltou-se para ela. Seu pé escorregou nas pedras e sabia que nunca conseguiria fugir. A mão dele agarrou seu braço com força.

Os olhos do homem mais velho de um azul frio como o mar do norte, brilharam.

—Como se atreve? —sussurrou.

Ele levantou o braço e ela sabia o que estava por vir. Só teve tempo para tentar erguer o próprio braço para tentar se defender do golpe.

A dor explodiu ao longo do braço e ela caiu, as rochas cortando suas mãos. A cabeça bateu contra algo e mil abelhas pareciam zunir em seus ouvidos.

O velho barão estava sobre ela puxando sua espada.

Alguém gritou. O solo retumbou.

A morte estava chegando. Ninguém iria contra o velho barão.

–Meretriz estúpida –murmurou, de pé sobre ela.

O medo abateu-se sobre ela, até mesmo manchas dançaram na frente de seus olhos.Tudo parecia girar em torno dela.Depois, um estranho silêncio.

Mexa-se. Precisava se mexer. Tentou afastar-se, mas a dor atravessou sua cabeça e o braço e ela engoliu um gemido.

Uma mão foi estendida.

–Você está bem? –disse uma voz.

No solo ao lado dela o velho barão a encarava, a boca mal se movendo, borbulhando sangue através seus lábios.Ela tentou se virar novamente e sibilou com a dor.

–Olhe para mim. –Dedos fortes seguraram seu queixo e viraram seus olhos para longe do corpo do velho barão...

A voz...

Ela conhecia aquela voz, conhecia aqueles olhos, escuros como a noite, olhando-a como se pudesse ler seus pensamentos.

Acelwyn ficou imóvel.

–Você pode me ouvir? –Ele perguntou, a voz rouca.

Ela piscou novamente e desejou que aquele ensurdecador zunido em sua cabeça fosse embora. Este homem... a flecha!

–Você está bem? Ele acertou você? –Ela perguntou, sentando-se, passando as mãos sobre a cota de malha. Havia um corte sangrento ao longo do pescoço.

–Eu não cheguei até ele a tempo. Eu não o impedi de lançar a flecha.

–Ele a feriu, mulher, bateu em você,sua tola .– Ele esfregou as mãos e inclinou seu rosto de um lado para o outro.

Ela jogou a cabeça para o lado e amaldiçoou. *Droga, mas isso dói.*

–O que dói? –Perguntou ele. –Cyrus, meu cavalo! – gritou por cima do ombro.

Ela percebeu, então que os outros homens estavam ao seu redor.

–Eu estou bem –disse, empurrando a mão novamente. –Não me toque. Você está sangrando. –Ela usou a braçadeira da túnica para limpar um pouco do sangue do corte no lado do pescoço. –E tem sorte!

Se o corte tivesse sido um pouco mais profundo ele estaria morto. Como estava, estava rasgado e ainda escoava mais sangue do que deveria,mas pelo menos estava vivo. Apertou a borda da manga no corte e ele chiou.

–Fique quieto. Ainda está sangrando.

–Mulher, você está coberta de sangue –disse ele novamente.

–Ele poderia ter matado você –disse, parecendo ver o velho barão novamente apontando a flecha.

–Se você tivesse chegado um segundo depois, sim. –disse o homem, seus dedos circulando o pulso dela, acalmando-a com seus cuidados. O toque pareceu lançar-lhe uma onda de choque através de seu corpo, enviando um estranho calor direto dos dedos dele para um local de seu corpo bem mais abaixo. Ela estremeceu.

–Você precisa de um elmo, um protetor no pescoço ou algo assim – ela murmurou, concentrando-se no corte. –Ele poderia ter acertado.

Roidan apertou os punhos.

–O bastardo quase a matou e você está me repreendendo? –Um músculo se contraiu em sua mandíbula. –*Nunca* mais faça algo tão estúpido novamente. –disse isso tranquilamente, mas poderia muito bem ter gritado.

–O corte deve ser cuidado. Pode apodrecer –ela sussurrou.

Outro homem se agachou ao lado deles enquanto os outros puxavam o corpo do velho barão para longe.

Um dos homens disse alguma coisa, ela podia ouvir mais vozes, mas sua atenção estava focada apenas no homem à sua frente, olhando para ela.

–Quem é você? –Perguntaram ambos ao mesmo tempo.

Ela sorriu e parou, o movimento fez doer seu rosto.

–Odeio quando os homens me batem no rosto – murmurou.

–Os homens não devem bater nas mulheres. –disse ele.

–Mas eles sempre o fazem.

–Nem todos os homens.

Ela não disse nada. A maioria dos homens que conhecia faziam o que queriam e não se importavam se as mulheres gostavam ou não. Respirou fundo e sentiu o cheiro dele na brisa, suor, homem e... menta? Talvez ele estivesse certo e fosse uma tola.

–Vamos, deixe-me ajudá-la. –Aproximou-se dela e a pegou no colo, como se fosse uma criança.

–Eu não preciso de sua ajuda –disse ela.

Ele a ignorou.

–Você é a mulher mais teimosa que conheci.

–Então talvez não tenha conhecido muitas. Sou perfeitamente capaz de andar. – O corte no pescoço dele ainda sangrava, a gola da túnica estava toda molhada e vermelha. –Você vai desmaiar pela perda de sangue e alto como é, será uma longa queda. –Roidan só levantou uma sobrancelha escura para ela.

–Você sempre fala tanto?

–Como está me carregando, acho que prefiro ser solta quando você desmaiar. Será como uma árvore cortada e não terei outra escolha senão cair com você.

–É terrível! – um dos homens murmurou.

Um canto de sua boca se contraiu.

Ele a passou a outro homem, montou em um cavalo de batalha e a tomou de volta em seus braços.

A mulher era contraditória como um monge em um harém. Um lado do rosto dela já estava inchado. O que não o agradou.

Algo nela o atraía. Talvez fosse o fato de não ser nada mais do que uma bela moça. O Senhor sabia que somente sua boca era feita para o pecado. Ele podia imaginar aqueles lábios cheios em volta do seu pau, aqueles olhos verdes olhando para ele, maliciosos, seus dedos entrelaçados no cabelo dela enquanto afundava naquela boca.

Droga.

Roidan se moveu, mas pouco fez para aliviar a dureza do seu rígido apêndice.

Cyrus olhava para ele, depois para a mulher e novamente para ele com uma sobrancelha erguida.

–Precisamos de você de volta ao acampamento, antes do barão tentar outra coisa –disse Cyrus.

–O Barão está morto. –disse ela em um suspiro.

–O que? –Tanto Cyrus como seu tenente perguntaram.

Ela fez um gesto para o homem morto que se atreveu a tocá-la e tentou acabar com sua vida.

–O velho barão. Ouso dizer o povo não vai lamentar a morte dele e irão aclamar você como um herói. – deu de ombros. –Ou a maioria irá.

Roidan olhou os olhos maravilhosos, tão verdes como o musgo nas rochas. A mudança de cor fazia com que parecessem escuros e claros, ao mesmo tempo. O cabelo vermelho escuro estava preso em uma trança neste

dia,alguns fios soltos dançando na brisa suave. Sardas. Então ela as tinha, espalhadas sobre a pele. Ela lambeu os lábios.

–Quem sabe seu barão possa dar a notícia ao povo? Muitos se preocupam com uma longa batalha.

Roidan duvidou muito.

Ela parecia ler seus pensamentos.

–Bem, talvez muito tempo seja a palavra errada. Mas eles se preocupam. O velho gostava de acalmar a fúria descarregando-a no povo.

Ele não disse nada, apenas cutucou Tobias de volta à trilha.

–Vamos tomar a guarda? –Cyrus perguntou.

Talvez não precisassem.

Ela já estava balançando a cabeça.

–Se o seu barão anunciar a morte do velho barão em primeiro lugar, os portões serão abertos em boas-vindas.

–Pelos soldados dele? –Cyrus perguntou, claramente incrédulo.

Ela encolheu os ombros e prendeu a respiração. Roidan observou que apertava os lábios.

–Se não, venha me encontrar mais tarde em meu chalé e eu vou levá-lo pela passagem secreta.

Ótimo. Uma passagem secreta.

–Quem sabe desta passagem? – Perguntou ele.

Ela franziu o cenho.

–Eu não sei, alguns talvez. Aqueles de nós que a tenham usado antes.

–Então, dificilmente pode ser chamado de secreta. – De fato...muitos sabiam.... Teriam que fechá-la.

Ninguém disse uma palavra, estavam esperando suas ordens. Ela não tinha idéia de quem ele era. Roidan compartilhou um olhar com Cyrus e

acenou para os homens espalhados pela clareira. Então, cutucou o corcel pelo caminho que ela deve ter vindo.

–Você disse quando nos conhecemos que vive no último chalé? – Roidan perguntou enquanto ela descansava contra seu corpo.

–Sim, a última casa.

–Sozinha?

Ela respirou fundo.

–Na maioria das vezes.

O que diabos isso significa? Se ela era a prostituta da vila, então seria dele. E por que a idéia dela ser uma puta apertou seu estômago, Roidan não sabia. Ela não seria a primeira prostituta que iria para cama com ele, roubada de outro ou largada. A idéia da moça ter muitos amantes o incomodava e Roidan não gostava disso tanto quando não gostava do pensamento da moça nos braços de outro.

Os Santos sabiam que *precisava* de uma mulher.

Enquanto eles cavalgavam pela aldeia, as pessoas paravam o que estavam fazendo e olhavam para eles.

–Acelwyn! –Uma voz trovejou.

Ela ficou tensa em seus braços.

Um homem mais velho, careca e corpulento estava parado perto de uma porta.

–Quem é ele? – Perguntou, inclinando-se e sussurrando em seu ouvido.

Ela suspirou, sem tirar os olhos do homem que se aproximava.

–Othgar o comerciante. – Em uma inspiração profunda, disse: – Infelizmente, meu noivo.

–Seu o quê?

Ela virou a cabeça para olhar para Roidan.

–Meu noivo. Antes de meu pai morrer ele me vendeu a Othgar. Eu consegui adiar o casamento, devido ao fato de Othgar ter partido da aldeia por algum tempo.

O rosto do homem dizia claramente que estava com raiva enquanto colocava as mãos na cintura.

–Desce daí, mulher!

Quando ela não fez nenhum movimento para desmontar, já que Roidan não teria deixado mesmo, o rosto do homem avermelhou-se.

–Agora! –O homem então se virou para ele. –Não sei quem você é, mas esta mulher é minha. Solte-a ou falarei com o barão sobre isso.

Roidan apenas olhou para o homem e disse:

–O novo barão só irá achá-lo irritante. – Os olhos do homem se voltaram astutamente para o caminho atrás deles.

–Mas o velho não. Acelwyn! Agora!

Ela estava tão quieta, que mal respirava, mas se moveu —para desmontar ou porque estava desconfortável—ele não sabia. Nem se importava. Roidan apertou os braços em volta dela, fazendo-a saber que não estava disposto a deixá-la ir.

–Você quer ir com ele? –Perguntou, sussurrando em seu ouvido novamente, correndo a mão pelo braço embora a outra segurasse as rédeas.

Roidan observou Othgar e sabia que o homem o mataria se pudesse.

Ela apenas balançou a cabeça.

Roidan instigou o cavalo para a frente até que ficou em frente do inoportuno Othgar.

–O velho barão não resolve mais nada.

–Veremos isso.

–Ele está morto.

Sussurros começaram em torno dele.

Othgar recuou.

–Você está mentindo.

O silvo de uma espada saindo da bainha disse a ele que seus homens estavam atrás dele.

–Homens têm morrido por insultos menores a mim e aos meus.

–Quem é você?

Ele correu o olhar sobre o homem e impulsionou Tobias para a frente. Othgar teve que se afastar para não ser pisoteado.

Ao passarem, Roidan olhou para o comerciante e apenas disse:

–Acho você irritante.

A compreensão brilhou nos olhos redondos do homem e Roidan sorriu sem nenhuma diversão.

Ele reforçou seu domínio sobre a mulher diante dele e seguiu suas indicações para a cabana mais afastada da aldeia. O riacho fluía diante deles, para cair no mar alguns metros abaixo.

–Você está desprotegida aqui – disse ele. De cima, homens poderiam atacar das rochas e penhascos. O fluxo do rio não permitiria que ela ouvisse a chegada de inimigos até que fosse tarde demais e estava muito longe dos outros para qualquer um ouvir seus gritos.

Roidan observou tudo isso enquanto desmontava e estendia a mão para ela.

Ela estava sentada ali, com a túnica sem cor olhando para ele com aqueles olhos verdes maravilhosos.

–Você é o novo barão.

Roidan não respondeu.

Um “v” formou-se entre suas sobrancelhas.

–Por que não me disse?

Roidan deu de ombros e a puxou do cavalo.

–Eu posso andar.

–Você está se repetindo. –Ele a levou para a cabana e parou no limiar.

Havia ervas penduradas nas vigas, algumas secas, outras secando. Havia jarros na mesa perto de uma janela. Potes, jarros, recipientes em todos os lugares.

–Você realmente é a curandeira? – Ele a colocou em pé.

–Você realmente é o novo barão? – Ela afastou-se dele e caminhou até a mesa, puxando um baú e pegando ervas dele. Deixou-as cair em um jarro e as amassou com o pilão. Apontou para uma cadeira. –Sente-se para que eu possa limpar seu corte antes que fique envenenado.

–Eu sempre gostei de mulheres fortes.

Ela sorriu para ele.

Roidan fez o que ela pediu. Primeiro removeu a cota de malha com a ajuda dela, e durante todo o tempo, a observava. A forma como se movia falava de elegância, de conhecimento. Suas mãos não eram as de uma dama da corte. As dela eram riscadas com pequenas cicatrizes, ainda assim possuía dedos longos e elegantes. Roidan balançou a cabeça e rugiu quando o corte em sua garganta enviou uma dor gelada através de seu corpo.

Ela derramou um líquido de cheiro desagradável sobre as ervas e continuou a misturá-las. Então pegou outro jarro e um pano e os trouxe para a mesa, retirando o líquido fumegante do fogo.

–O que é isso?

Ela pegou a caneca com o líquido e molhou o pano.

–É apenas água. – A mulher se colocou entre suas coxas abertas para que pudesse cuidar do ferimento.

Roidan se abaixou um pouco quando ela começou a limpar a ferida.

–Tenho meu próprio curandeiro. –Ela se inclinou e Roidan viu a veia no pescoço delicado pulsar. A linha de sua mandíbula o convidou a

inclinou-se e sentir o cheiro da jovem. Flores. Ervas. Especiarias. Sabia como ela cheirava. Ela engoliu em seco, os olhos deslizando para os dele.

—Este é um corte grave.

Roidan resmungou e manteve o olhar preso ao dela. A garota mordiscou o lábio inferior, puxando-o em sua boca.

Roidan se inclinou na direção dela e colocou os lábios sobre os dela.

Ela ficou imóvel, congelada, mas Roidan não se importava. Se ela não estivesse interessada poderia afastá-lo.

—Eu quero você, — disse a ela.

—Eu... — Fechou os olhos e ele gentilmente provou seus lábios. Como o resto, seu gosto o fazia lembrar de flores, impetuosidade e encantamento.

Roidan tocou a pequena cintura. Mexeu-se e a puxou para mais perto, seus polegares acariciando-a acima do cinto de couro trançado.

O peito dela subia e descia e ele se perguntou como seriam seus seios. Será que os mamilos eram rosados?Escuros ou claros? Teria sardas espalhadas pelo resto do corpo como no pescoço? Roidan queria descobrir.

Ela se afastou e mordiscou novamente o lábio inferior. Descansou as mãos em seus ombros, massageando os músculos ali. Ele se perguntou se ela estava realmente ciente do que fazia.

—Eu não deveria estar fazendo isso — sussurrou, então se inclinou e o beijou. Desta vez, sua boca estava aberta, convidativa.

Roidan a puxou contra ele e inclinou a boca sobre a dela, provando-a antes de mergulhar em seu interior. Os lábios fundiram-se com os dele, e o fogo que parecia queimá-la tomou conta de Roidan. Desejo, mais quente do que ele jamais conheceu, correu em suas veias. Sua boca se moveu sobre a dele enquanto os lábios do homem exigiam os dela, num estranho duelo pelo controle.

Nenhuma mulher o havia controlado ainda, mas parte dele queria ver onde isso iria dar, até onde ela iria.

Seus dedos deslizaram até as costelas da moça, traçando o contorno dos seios. Ela sugou o ar de seus pulmões. Roidan sorriu contra sua boca.

–Você gosta de meu toque. – Ele passou os dedos pelos seios, suspirando enquanto ela se empurrava contra ele, querendo mais. Sua língua dançou contra a dele e o sabor se tornou inebriante.

–Devemos parar, – ela disse enquanto mordiscava os lábios dele.

–Quem te ensinou a beijar? – Perguntou ele.

Ela riu e o som trouxe a imagem de membros emaranhados na escuridão da noite.

–Eu não quero parar, e você? – Ele perguntou enquanto a lambia do pescoço até a borda da túnica.

Ela balançou a cabeça.

–Não, mas... mas...

Ele a puxou de volta.

–Mas o quê?

Ela olhou para a porta e o brilho de seus olhos desapareceu, o rubor das maçãs do rosto afastando a palidez.

–Eu não posso ter você.

Roidan segurou o pulso dela e trouxe a mão para seu pênis esticado.

–Rapariga, você pode me ter do jeito que quiser.

O rubor começou no pescoço dela e tingiu o caminho pela pele pálida. Fascinante.

Ele segurou com mais força o pulso dela e a moça recuou.

–Desculpe, – ele murmurou.

Ela balançou a cabeça e puxou a mão, esfregando o braço. Ele franziu o cenho.

–Eu não queria machucar você. – Às vezes, ele não percebia a própria força.

Ela sorriu.

–Você não machucou. O velho barão...

Roidan aproximou-se e puxou para cima a manga da túnica. Uma contusão já estava se formado ao longo antebraço. Ele gentilmente esfregou o polegar sobre ela.

–Não acho que esteja quebrado, – ela disse.

–Ainda assim a faz sofrer.

Ela encolheu os ombros.

–Muitas coisas o fazem. Agora fique quieto e comporte-se, preciso limpar seu ferimento.

Em vez disso ele se inclinou e a beijou novamente.

–Eu quero fazer outras coisas – Ela o empurrou para trás pelo ombro.

–Você precisa ficar parado. – Ele fez o que ela pediu e respirou fundo. Tudo o que podia sentir era o cheiro da mulher.

–Fale-me sobre seu noivo.

–Othgar?

–Você tem mais de um?

A moça apertou os lábios, pesarosa.

–Não. Preferia não ter nenhum de qualquer forma, se tivesse uma escolha.

–Ainda pode ser uma questão de escolha, – ele disse suavemente. Ela pegou outra jarra e um cheiro fétido o atingiu novamente. –O que, em nome todos os santos, há aí?

–Isso importa?

–Se isso for para mim, importa.

–E é. Fique quieto. – Ela parou por um momento. –Isso pode arder.

Arder. Parecia que o fogo do inferno havia sido aceso em uma pequena área do pescoço. Ele chiou e olhou para ela.

–Meu próprio curandeiro vai costurar.

–Como quiser. Certifique-se de que ele limpe novamente antes de fazer isso e que limpe adequadamente a agulha e...

–Senhora, sobrevivi a batalhas com ele cuidando de mim e voltei para lutar mais.– Ela não disse nada, apenas continuou aplicando o que quer que fosse que fedia tanto.

Ele podia ouvir seus homens lá fora. Também podia ouvir Othgar gritando sobre a noiva.

Os dedos pararam e se endireitou. Ele notou como as mãos dela tremiam enquanto olhava para a porta.

Ele não a queria ali, sozinha para cuidar de si mesma.

–Existem jardins dentro da fortaleza? – Perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

–Sim, mas eles têm sido extremamente maltratados. – Como estavam a maioria das coisas.

–Você irá e cuidará deles. – Ela franziu a testa para ele, inclinando a cabeça.–Você irá e cuidará deles. Isso não é um pedido.

–Afastem-se! –Othgar gritou do lado de fora.

Roidan sentiu a tensão nela. Ela se virou e olhou para ele.

–Você quer que eu cuide dos jardins?

Ele acenou e fez sinal para as plantas penduradas ao redor.

–Sim, e para organizar um local para curar em uma das torres.

–As pessoas vêm aqui.

Ele manteve o olhar dela.

–Se eles quiserem seus cuidados podem encontrar você na torre. – Onde ela estaria melhor protegida.

Ela respirou fundo.

–Só para cuidar dos jardins?

–Quem sabe de mim também. – Ele se levantou e segurou o rosto dela entre as mãos, deslizando o dedo sobre o lábio inferior.

–Acelwyn! –Othgar gritou, caminhando ao redor da cabana. Ele estaria na janela em um instante.

Roidan ouviu a voz mais profunda de Cyrus.

–Eu não quero ir com ele. – ela sussurrou.

–Então você tem uma escolha a fazer.

Capítulo Três

Uma escolha? Qual era a escolha nisso? Realmente? Um homem que a viu como uma posse ou alguém que a via como uma mercadoria?

No entanto, um parecia mais... gentil? Não era essa a palavra. O novo barão parecia mais agradável do que Othgar. Mesmo preenchendo sua cabana com seu tamanho, com suas armas cheias de sangue da batalha, o homem era mais suave do que seu noivo. Ela deveria saber, afinal sentiu o punho de Othgar mais de uma vez. Casar com ele seria um pesadelo.

Mas... o barão? Ser amante dele?

Ela estudou-o, justamente no momento em que Othgar gritava novamente.

—Essa cadela é minha. Não vou permitir que ninguém a tire de mim, novo barão ou não. Tenho o contrato para provar minha propriedade! — A voz dele estava carregada de fúria e ela estremeceu. —Agora afastem-se.Me deixem entrar.

Ela piscou e olhou para o queixo do barão.

—Quem é você?

—Quem você acha que sou?

Ela encolheu os ombros.

—Não sei, só sei que você não é como Othgar. — Ele riu.

—Então, qualquer outra pessoa que não fosse ele conviria?

Ela balançou a cabeça.

—Não, não é isso que...

Roidan esfregou os polegares sobre o rosto dela.

—Eu sei o que você quis dizer, Acelwyn. Sou Roidan, filho de Stephen.

–Soberano de Dakar agora, – ela murmurou. –O Lobo. –Algo bateu na parede da cabana e ela pulou. Se ela ficasse ali, Othgar iria buscá-la. – Você vai manter o contrato? –Ele olhou para ela, os olhos escuros decididos. Roidan não respondeu. Mas, então, talvez Othgar já não a quisesse mais se soubesse que ela esteve com o novo barão.

–Enquanto eu o fizer feliz, você irá mantê-lo longe de mim? –Ela perguntou rapidamente, as palavras tropeçando umas nas outras. Ela lambeu os lábios, o coração batendo contra suas costelas.

O grito de Othgar foi abafado desta vez, mas ela não tirou sua atenção do homem diante dela.

Os cantos dos olhos enrugaram-se quando ele os apertou.

–Sim.

–Então, creio... – Ela respirou fundo outra vez e então disse:–Então imagino que seja melhor aprender como mantê-lo feliz. – Olhando ao seu redor, ela disse, –Terei que levar algumas das minhas coisas, e até que um lugar apropriado na torre esteja pronto para mim, quero ser autorizada a vir aqui. Preciso repor muitos dos meus suprimentos. E...

–Não sozinha. Vou mandar um dos homens com você, então terá que esperar até que haja alguém que possa acompanhá-la.

Ela franziu o cenho.

Othgar gritou outra vez, assustando-a.

–Você não pode mantê-la longe de mim para sempre, amaldiçoados sejam todos vocês!

Ela esteve sozinha por tanto tempo que havia esquecido como era ter alguém se preocupando com o que estava fazendo, ter alguém tomando conta dela.

Inclinando-se, brincou com as pontas do cabelo dele na nuca.

–Obrigada por esta oportunidade, obrigada por afastá-lo de mim. – Ela fechou a distância entre eles, enquanto Roidan baixava a cabeça ao seu

encontro. O beijo começou suave, mas logo se incrementou. Sua boca estava quente contra a dela, fazendo com que o desejasse. Desejando-o de maneiras que sabia que uma mulher queria um homem.

Da maneira como ela sempre quis sentir-se com um homem.

Uma mão segurou seu rosto, enquanto a outra descia ao seu corpo, deslizando como se fosse água. Isso não deveria fazê-la se sentir tão bem, mas assim era. Pela deusa, como era bom! Era como se ele conhecesse algum segredo escondido que se mantinha um mistério até mesmo para ela.

Ainda podia ouvir os homens lá fora, as vozes abafadas. Por um momento, ela se preocupou com eles, com o que poderiam imaginar.

Roidan colocou a mão sobre seu seio, acariciou-o, o polegar circulando em torno do bico.

Ao redor, muitas vezes. Ela já não se importava com quem estava do lado de fora da cabana. Não se importava se Othgar se perguntava o que ela e o barão poderiam estar fazendo...

Oh deusa, aquilo era maravilhoso! O tecido, um pouco áspero, roçando ao longo de sua pele.

Ela interrompeu o beijo quando Roidan puxou a borda da túnica para baixo expondo seus seios para ele.

—Um rosa profundo, — ele murmurou, enquanto descia a boca. —Eu imaginei. — Roidan a pegou e a colocou sobre a mesa como se ela não pesasse nada. Algo caiu no chão, mas ela não se importava com o que era. Tudo o que importava era ele.

Podia sentir o cheiro dele, especiarias, menta, suor e algo mais, algo que despertava a mulher dentro dela.

—Você vai me ouvir, —disse a ela enquanto a língua traçava um padrão no seio.

—O-o quê?

–Quando se tratar de sua segurança, você vai seguir minhas ordens. –
A outra mão dele apertou o outro seio. Ela balançou a cabeça.

–Como desejar.

Roidan sorriu, divertido pelas provocações, mas era um sorriso que dizia saber que acabava de ganhar uma batalha.

A língua pincelou ao longo do mamilo e ela sussurrou, então gemeu quando ele gentilmente fechou a boca, quente e úmida sobre o mamilo, chupando-o profundamente.

–Oh deusa!

A risada dele vibrou contra ela, então sentiu o ar frio nas pernas quando uma das mãos roçou o interior de sua coxa. Como ele fez isso?

–O que está fazendo?

–Ensinando-a a me manter feliz, – ele disse, a voz rouca enquanto se dirigia para o outro seio.

Ninguém nunca a tocou ali. Othgar tinha tentado uma noite. A imagem sombria apareceu em sua mente e ela ficou tensa ao sentir a mão quente subir pelo interior de sua coxa.

–Eu-eu...

–Shhhh – ele sussurrou, lambendo um caminho de volta até o pescoço, em direção a sua boca. Ele se introduziu mais plenamente entre suas coxas, abrindo-a, empurrando a túnica para cima. –Não vou te machucar. Só quero lhe dar prazer.

Sua boca pairou sobre a dela, em seguida, apenas a mordiscou provocativamente.

–Eu não sei nada sobre prazer, – ela sussurrou contra sua boca, lambendo os lábios.

Os olhos dele estavam carregados de desejo.

–Houve alguém? – Ele começou, movendo os dedos cada vez mais para cima, em direção a seu sexo.

Ela realmente não conseguia pensar. O que o homem havia perguntado mesmo?

–Será que ele...

–Será que ele o que? – Ela sussurrou contra sua boca, enquanto Roidan lhe dava suaves lambidas.

–Alguém já tocou em você assim?

–Othgar.

Ele parou, cada linha em seu corpo tensa.

–Porém, foi só isso...Ele só queria que eu soubesse que poderia fazer... não... não foi como... – Roidan deu um suspiro.

–Não foi assim? – Seus dedos começaram a se mover novamente e desta vez esfregando levemente sobre a junção de suas coxas e ela estremeceu, virando a cabeça no pescoço dele, beijando a veia que pulsava.

–Não foi assim.

–Como foi?

–Ele só queria mostrar a quem eu pertencia e que ele tinha o direito de fazer... – Ela balançou a cabeça. –Eu não quero falar sobre Othgar. Eu não gostava do toque dele.

O peito do barão estufou-se quando respirou profundamente, seus dedos dançando e deslizando sobre ela.

Ela ficou tensa esperando a dor.Se bem que algumas mulheres haviam dito que nem sempre doía.

–Relaxe, – Roidan sussurrou contra sua boca, beijando-a enquanto seus dedos dançavam mais embaixo. Ela sentiu os dedos longos separá-la, deslizar nela, e agitar sobre um ponto que...

–Deusa!

Ele sorriu contra a sua boca.

–Eu sou Roidan. Diga meu nome. – Ele brincou mais, e tudo que ela podia fazer era manter seu olhar, tentando seguir o movimento dos dedos girando entre suas coxas.

–Você está tão molhada e pronta, Acelwyn... Você foi feita para o prazer.

Ela não sabia nada sobre isso. Na verdade,não importava. Roidan beijou a ponta de sua orelha, enviando arrepios sobre sua pele.

–Você vai gritar por mim. Diga meu nome. – Ele puxou o lóbulo da sua orelha entre os dentes e ela não conseguia pensar.

–Seu nome?

–Roidan.

–Roidan. Roidan.

Ele deslizou um dedo longo e grosso dentro dela e Acelwyn arfou.

–Ooohhhhh.

–Meu nome. –disse ele, puxando o dedo de volta. Ela não sabia onde colocar as mãos. Então Roidan se inclinou, segurando-a mais perto. Ele empurrou as pernas para abri-las mais e Acelwyn ajudou-o, sentindo a aspereza da roupa dele contra a parte interna de suas coxas.

–Roidan, – ela gemeu quando ele impulsionou o dedo fundo dentro dela, tocando-a como ela nunca havia sido tocada antes.

–Ah, assim que eu gosto de ouvir meu nome. Carregado de paixão, sussurrado através do prazer de uma mulher. – Ele empurrou de novo e de novo, então se inclinou sobre ela e puxou o mamilo em sua boca, chupando forte enquanto mergulhava o dedo profundamente. Ela se sentiu tão esticada que olhou para baixo entre eles para os dedos dele revestidos com sua própria essencia e percebeu quando ele posicionou outro dedo.

–Roidan! Sim! Sim! Mais!

–Mais? Você quer mais? Cuidado com o que você deseja, pois pode conseguir.– Ele a acariciou mais profundamente, movendo a mão, pressionando um lugar escondido no topo de sua fenda e ela gritou.

–Roidan! – Luzes brilharam por trás de seus olhos, brilhantes explosões de cores enquanto Roidan ainda a acariciava. Seu corpo apertou-se contra os dedos dele, com força. Mais força ainda. Novamente e novamente.

Seu coração trovejou no peito, de modo que tudo o que ela ouviu foi seu próprio batimento cardíaco. Os dedos dele suavizaram as carícias até que ele os afastou suavemente. Ela viu quando o homem os levou aos lábios, inalou profundamente e mantendo seu olhar, lambeu a essência de seus dedos.

–Acelwyn. – Ele se inclinou e a beijou. –Você vai me manter muito, muito feliz.

Capítulo Quatro

Roidan olhou para a mulher diante dele estirada sobre a mesa como uma oferenda. Seu pau latejava com incansável desejo. Inclinando-se para ela, a beijou firme e demoradamente, envolvendo as mãos no cabelo para mantê-la na mesma posição.

Acelwyn abriu a boca para ele sem demora e Roidan sorriu quando duelou com a sua língua, enquanto os dentes da moça morderam seu lábio. Ela afastou-os rapidamente, lambendo onde mordeu e murmurou.

–Desculpe-me, meu senhor. Eu não pensei... – Ele segurou o rosto dela, passando os dedos ao longo dele.

–Acho que não quero que você pense. Pensei em você a porra da noite toda, mulher. Você assombrou meus sonhos. Eu podia sentir seu cheiro no vento e quase vim aqui na noite passada.

–Para que? – perguntou ela com um pequeno sorriso.

–Para mais do que você provavelmente poderia querer.

Os ímpios olhos verdes o lembravam os segredos que as esmeraldas guardavam. Um pequeno sorriso pendeu de um lado da ampla e exuberante boca.

Acelwyn se moveu de modo a ficar mais perto dele. Beliscando seu queixo, ela disse:

–Oh, aposto que eu poderia ter sugerido algumas idéias, meu senhor. Ele respirou fundo e se perguntou mais uma vez o que estava pensando. Havia coisas a fazer, mas ficou acordado quase a noite toda com o pau duro como uma lança, e aquela garota em suas fantasias.

O que queria fazer era cair na sua quente, molhada, escorregadia boceta e apenas se perder naquele momento.

Lentamente, ela passou a língua em torno de seu lábio inferior umedecendo-o.

–A minha lição de prazer acabou, meu senhor? – perguntou ela.

Roidan respirou profundamente, sentindo a excitação dela, ficando ainda mais duro. O lábio inferior dela estava molhado sob seu polegar. Os olhos dela seguiram seus dedos.

Ela colocou a língua para fora lambendo seu polegar, antes de fechar os lábios em torno do dedo e chupá-lo.

Roidan respirou forte e fechou os olhos.

–Estive pensando nesses seus lábios, – ele murmurou.

A língua dela giravam em torno de seu polegar.

–De verdade? – Ela colocou o braço em volta do seu pescoço, puxando-o para mais perto. Sua boca devorou a dele. Com a outra mão acariciou seu peito, desde a frente da túnica até o eixo duro como uma pedra.

–Você... –ela mordiscou seus lábios, chupando o lábio inferior. –irá – Lambeu. Então, acariciou seu pênis através do tecido. –compartilhar. – outro beijo. –suas fantasias comigo?

Roidan a puxou para mais perto, erguendo sua túnica.

–Você é muito aventureira para alegar inocência.

–Sim. Só porque desprezei os avanços de outros, não significa que não quero saber, que não tenho curiosidade.

–Tem agora? – Perguntou ele. –Então eu sou o homem que consegue satisfazer sua curiosidade?

Ela franziu o cenho.

–Admito que estou nervosa, mas não temerosa. – Levantou os olhos para encontrar os dele. –Você disse que não iria me machucar, eu não deveria confiar em você?

Roidan a estudou por um momento.

–Eu não sei porque você confia em mim, mas sim, pode confiar.

Ele queria ver e provar os seios dela novamente. Murmurando outro juramento, ele agarrou a gola da túnica e a rasgou, expondo os seios completamente a ele. Roidan sabia antes de colar a boca neles, que eram menores do que imaginava, mas não se importou. Suspirando, se inclinou e beijou o caminho desde a clavícula até a ponta levemente rosada dos seios. Ele a estudou, observando as sardas espalhadas pela pele e as manchas de sangue ainda espalhadas sobre ela.

Mergulhando o pano na bacia de água que ela havia usado nele, limpou o sangue e terminou rasgando o resto da túnica da moça.

–Acho que não quero nada do velho barão em você.

–Espero que você tenha uma túnica que eu possa pegar emprestada. Só tenho mais uma. – Ele a beijou, forte, exigente, querendo apenas estar dentro dela. Querendo aquela boca em torno dele. Querendo beijá-la e sem saber por onde começar.

Observou seu dedo sobre o seio de Acelwyn, a viu estremecer quando fechou-os sobre o mamilo e puxou. Os bicos eram pálidos, um rosa claro, tal como o resto dela.

Roidan a olhou nos olhos.

–Não posso esperar. Eu não sei se agora é o... – Os dedos dela se fecharam sobre ele novamente. Roidan suspirou. –Eu avisei. Não sei se poderei ser gentil como você precisa que eu seja.

–Eu não me importo, – ela balançou-se para mais perto dele. –Eu sinto que algo está queimando embaixo da minha pele. Eu só... eu quero...

Ele abaixou e beijou o mamilo antes de puxá-lo na boca, chupando-o e apertando contra o céu da boca.

–Oh deusa.

Ele puxou mais forte enquanto suavemente acariciava o outro seio. Acelwyn estremeceu.

Alternando-se entre os seios, Roidan brincou e puxou os mamilos enquanto chupava e puxava o outro seio.

Ela gemeu, se remexeu e ofegou.

Ele olhou nos olhos da moça, que estavam vidrados, sem foco.

Movendo-se para o outro seio, ele deu a mesma atenção, só que desta vez, mordiscou a suave carne.

–Oh, por favor, Roidan.

–Por favor o quê?

Ela se mexeu.

–Eu não... eu não...

Roidan passou a unha sobre a protuberância em sua fenda, encharcando seu dedo com o mel quente que começava a escorrer.

–Isso mesmo – disse ele. –Você me quer, não é, Acelwyn?

Ele soltou o seio e a beijou, inclinando a cabeça mais para mergulhar mais fundo naquela boca. Enfiou dois dedos dentro dela e sentiu o estremecimento, enquanto Acelwyn gemia contra sua boca. A mão de longos dedos apertou o seu pau e ele gemeu.

–Por favor, por favor, oh, por favor, oh por favor – ela implorou.

Sorrindo, ele lambeu o lábio inferior dela.

–Eu vou deslizar nessa sua pequena boceta quente, Acelwyn. – Ele tirou os dedos e depois, lentamente, os colocou profundamente dentro dela, mantendo-os afastados do clitóris inchado. Ela se contorcia, se mexia, inclinava os quadris. –Com o meu pau.

Acelwyn parou, olhando para ele. Lentamente, balançou a cabeça. O pulsar no pescoço batia rapidamente. Roidan a beijou, puxando a pele entre seus dentes. Sentiu os dedos dela cravando-se em seus braços.

Ele rapidamente tirou toda a roupa, rasgando os calções na pressa. Finalmente, seu pau saltou livre, o líquido já escorrendo dele.

Nela. Agora. Roidan tinha que senti-la, quente, excitada e...

–Eu não me importo, – ela sussurrou. –Eu só quero... só preciso...

–Eu sei o que você precisa, – ele sussurrou contra a orelha dela.

Ela se moveu para mais perto e ele perguntou:

–Você já teve um homem? –Ele a puxou para ele, esfregando o pau para cima e para baixo, molhando-o na excitação dela, no mel escorregadio.

Acelwyn estremeceu e gemeu. Roidan soltou uma maldição com a ânsia dela.

–Teve? – Então se lembrou do que ela disse sobre o outro homem. – Othgar já teve você assim?

Ela balançou a cabeça, negando.

Uma virgem, assim como ele suspeitava. Uma parte qualquer de seu cérebro gritava para ele se afastar.

Roidan ignorou a voz e disse:

–Segure-se firme em mim.

Ao observá-la, percebendo a maneira como seus olhos estavam brilhantes, excitados, ainda nublados com paixão algo em seu interior quebrou.

Sua coluna parecia como se estivesse pegando fogo e ele nem estava dentro dela ainda.

Ele era grande, mas Acelwyn não era exatamente uma moça pequena.

Roidan se ajustou na entrada dela. Santos, ela era apertada, mas já sabia disso ao senti-la com os dedos. Fez uma pausa, justamente dentro dela, quando sentiu a virgindade e um prazer surpreendentemente intenso lanceou-se através dele.

–Olhe para mim, –ele rosnou.

Acelwyn ergueu a cabeça para encontrar os olhos dele. Apertou os dedos em seus ombros, a respiração estava ofegante.

–Você pertence a mim. – Roidan cutucou para frente e ela estremeceu.

Cobrindo a boca com a sua, ele empurrou plenamente e engoliu o grito dela.

As mãos de Acelwyn batiam em seus ombros, tentando afastá-lo, mas Roidan permaneceu exatamente onde estava.

Rodeado por seu calor escaldante, engolfado pela suavidade escorregadia e, por todos os santos, ele nunca esteve em uma boceta mais apertada!

Após um momento, Acelwyn se acalmou e ele sentiu o tremor dos músculos internos contra ele. Ele estremeceu e manteve firmemente o controle. A idéia de que deveria ter, pelo menos, esperado até que estivessem em uma cama deslizou através de seu luxurioso cérebro.

–Você é tão grande, – ela sussurrou.

–Você é tão apertada. – Ele olhou para ela, viu as lágrimas em seu rosto e as beijou suavemente. – Está feito.

–Então é assim. Isso é tudo?

Isso é tudo? As mulheres adoravam estar em sua cama. Ele não podia deixar de rir e ao rir, escorregou ainda mais dentro dela.

Ela chiou, então se moveu e gemeu, com os olhos cada vez mais arregalados.

–Oh não, minha pequena feiticeira, não é tudo. –Roidan lentamente se retirou e, em seguida, entrou de novo suavemente, avaliando a reação dela.

Acelwyn estremeceu e gemeu, a garganta arqueando-se para trás, expondo o pescoço. Roidan lambeu e beijou o caminho, sentindo-a gemer contra ele enquanto a acariciava de novo.

–Não é tudo. Apenas o começo.

Ele manteve os movimentos lentos e suaves até que finalmente ela arqueou-se mais e se moveu contra ele.

–Isso mesmo, – sussurrou para Acelwyn.

Eles finalmente encontraram um ritmo que a fez gemer, implorando, sussurrando. Ele empurrou mais forte na pequena boceta quente, apertada, e ela subiu para encontrá-lo.

Roidan a colocou de volta na mesa, inclinou-se e segurou o seio dela, chupando enquanto empurrava profundamente dentro dela.

A boceta agitava-se e ele a sentiu apertar as coxas em torno dele.

–Roidan. Roidan... Ohhhhh...

Ele continuou impulsionando dentro dela, observando-a enquanto ela flutuava. Empurrava e acariciava enquanto o clímax de Acelwyn lançava um grito de prazer que ecoou na pequena cabana.

Roidan segurou a libertação o máximo pôde. Suas bolas estavam tão apertadas que mal podia pensar e ainda assim investia dentro dela.

O grito de libertação dela se estendeu enquanto a boceta doce ordenhava seu pau, mais forte, mais apertado e tão quente.

Ele rugia e impulsionava tão profundo quanto podia, as bolas aninhadas contra o traseiro dela enquanto seu clímax queimou sua espinha, seu pau aprofundou, pulsante e pulsando por esta mulher que roubou seu fôlego.

Roidan caiu em cima dela e ficou ali tentando decidir se estava vivo ou não.

A pequena mão dela voou em seu cabelo, acariciou a nuca e ele grunhiu e estremeceu.

–Se você continuar me tocando, vou acabar tomando-a de novo.

Roidan se apoiou no cotovelo e a olhou para ter certeza se ela estava bem.

Os lábios estavam inchados e sorrindo, os olhos fechados e um rubor rosado manchava seu rosto.

Ele passou os dedos pelo cabelo dela.

–Você não vai ficar aqui esta noite.

–Não vou? – Acelwyn sussurrou.

–Não, você vai dormir na minha cama.

Ela deu uma risadinha.

–Isso é uma sorte. Estava esperando que não fosse em uma mesa. – A risada se transformou em gargalhada.

–Danadinha.

Ela não conseguiu esconder o estremecimento quando Roidan saiu de dentro dela. Ele viu sua semente brilhando, misturada com o sangue da sua virgindade. Afastando-se, Roidan derramou água fresca em uma bacia e molhou um pano que estava ao lado.

Acelwyn não conseguia pensar. O que esse homem fez à sua mente? Todos os músculos do seu corpo formigavam e tremiam.

Não era de se admirar que muitas das mulheres da aldeia riam ao falar do ato. Ou por que tantas viúvas gostavam de encontrar um homem para lhes fazer companhia.

De repente, um ato que ela sempre pensou como natural adquiriu um significado completamente novo.

O que ela supôs ser bastante estúpido.

O barão tinha acabado de tomar sua virgindade e ela simplesmente entregou-a a ele.

Ou trocou-a.

Por proteção.

Acelwyn franziu a testa, estremecendo enquanto sentava-se.

–Fique –ele ordenou, a voz suave, com uma mão espalmada sob seu umbigo.

–Por quê?

Roidan arqueou uma sobrancelha para ela, torceu o pano e, em seguida, o colocou contra ela antes que Acelwyn percebesse o que ele pretendia.

Mortificada, tentou sentar-se, afastá-lo e fechar as pernas, tudo ao mesmo tempo.

Ele balançou a cabeça e a empurrou para trás, ficou entre suas coxas, para que ela não pudesse fechá-las e apenas disse:

–Apenas fique quieta por um momento. Você cuidou de mim, agora é a minha vez.

Ela podia sentir o rubor se estender e cintilar por todo seu corpo.

Deitada, um braço sobre os olhos, Acelwyn não pronunciou som algum enquanto Roidan pressionava o pano contra a sua parte mais íntima.

Os sons das gotas de água enchiam seus ouvidos, enquanto imaginava-o torcendo o pano na bacia. Pensou que ele se afastaria, ao invés disso Roidan pressionou o pano contra ela novamente.

–Seu corpo inteiro está vermelho, – ele disse e ela quase podia ouvir o sorriso na voz dele.

Como não conseguia pensar em nada para dizer, o ignorou. Felizmente, ele não a pressionou para falar. Depois de repetir o processo várias vezes, o ouviu dizer:

–Pronto. Acho que está melhor.

Ainda assim, ela não abaixou o braço até senti-lo se mover entre suas coxas. Roidan se curvou, como se estivesse estudando-a.

E nem um único pensamento veio à sua mente sobre o que dizer. Ela não podia fechar as pernas porque ele estava entre elas e...

Roidan se inclinou, soprou sobre ela e, em seguida, beijou-a levemente, onde anteriormente ele havia...

–O que você está fazendo? – Acelwyn perguntou, sentando-se na mesa.

Seus olhos escuros mantiveram o olhar dela enquanto Roidan se erguia.

–Em outra hora.

Acelwyn franziu a testa e perguntou-se o que ele queria dizer.

Sons de fora, de repente filtraram através de seu cérebro. Othgar ainda estava discutindo com os soldados e...

Ela havia esquecido completamente do homem!

–Oh. – Ela olhou para a janela aberta.

Todos ouviram? É claro que sim. Ela não tinha sido exatamente silenciosa, não é?

–Você é minha, – ele disse, já que também podia ouvir o discurso irado de Othgar.

Acelwyn estremeceu por causa da raiva que ouviu na voz do comerciante.

–Eu protejo o que é meu, –ele lhe disse.

Mas era realmente dele? Acelwyn barganhou sua inocência por proteção. Não era como se fosse a dama do castelo.

Trocou proteção por sexo.

Ela sabia o que isso a tornava, simplesmente não tinha certeza de como se sentia sobre isso.

–Eu voltarei! – Othgar rugiu. –Essa cadela é minha. – Ela estremeceu novamente e decidiu que não se importava com o que estar com Roidan a tornava, contanto que ele a mantivesse longe de Othgar.

Em seguida, outro pensamento lhe ocorreu. Lambendo os lábios, olhou para ele.

–Você me ouviu, Acelwyn? –Perguntou ele.

Não sabendo o que dizer, ou melhor, como dizer, ela apenas balançou a cabeça.

Roidan passou os dedos pelos cabelos dela novamente enquanto a observava.

–Eu me pergunto o que está acontecendo nessa sua mente.

Ela suspirou e puxou as bordas da túnica para mantê-la fechada.

–Eu estava... – Ela limpou a garganta. –Estava pensando se você... – Ela respirou forte. –O que será que sua senhora irá pensar? Quer dizer, não quero causar problemas em sua nova casa e... –Roidan pressionou um dedo sobre os lábios dela.

–Não tenho nenhuma senhora com a qual você precise se preocupar. – O alívio estupidamente fluiu através dela enquanto ele a puxava para mais perto para um beijo. –Você acha que vai gostar de aprender a me dar prazer?

Acelwyn só conseguiu sorrir e beijá-lo de volta.

–Eu não sei, quem sabe isso se torne uma ocupação?

Ele riu contra os lábios dela e o nó que de repente se formou em seu estômago, pareceu afrouxar. Tudo ficaria bem.

Capítulo Cinco

Roidan ouviu seus homens conversando. Eles mantiveram a guarda com pouco ou nenhum problema.

Os portões estavam abertos e esperando por eles. Ninguém levantou uma lâmina ou arco, ninguém sequer falava enquanto ele e seus homens cavalgaram pelo pátio há vários dias atrás. Lá dentro estava tudo desorganizado, algo que ele não podia tolerar. Viver sem um teto sobre sua cabeça era algo que ele e seus homens tinham feito por anos. Eles permaneceram em vários lugares onde preferia não deitar a cabeça. A fortaleza era atualmente um desses lugares. Roidan se recusou a dormir debaixo desse teto, até que estivesse tudo limpo. Mulheres da vila e vários homens estavam trabalhando há dias. Ele não teve tempo de supervisionar todos os pequenos aspectos assim deixou Cyrus encarregado— que imediatamente deu a maior parte da responsabilidade a uma mulher. A única mulher aparentemente competente que Cyrus conhecia era Acelwyn.

Cyrus tinha dito uma vez que a casa dela era agradável, organizada e limpa, então a deixou encarregada. Todos eles gostavam de limpeza. O fato de que Acelwyn tivesse salvo sua vida foi também altamente enaltecido por seu tenente. Roidan pensou que não era ruim que ela fosse tão graciosa também. O benefício adicional era a ajuda dela aliviando o seu caminho e de seus homens na fortaleza.

O riso dos homens rugiu ao redor do pátio interno e ao longo das mesas sobre os cavaletes.

Ela ordenou que as mesas fossem levadas para fora e as mulheres passaram o dia esfregando-as até que a madeira ficou brilhando. Uma grande fogueira havia sido acesa e os peixes eram assados nela.

Não era um grande banquete, mas o suficiente para satisfazer— pelo menos sua fome por comida.

Sua fome de outra coisa era muito mais difícil de saciar.

E essa outra coisa de repente riu.

Acelweyn.

Ele não conseguia tirar os olhos dela. Ela movia-se com eficiência, como se não quisesse perder tempo— algo que ele também admirava. Seus movimentos não eram diferentes dos de outras mulheres, mas ainda assim pareciam especiais. Com Acelwyn, era como se dançasse uma música que somente ela podia ouvir.

Graciosa.

Sensual.

Seu pau endureceu e ele se mexeu.

Cyrus balançou a cabeça.

—O que? — Ele perguntou.

—Você tem sido malvado, meu amigo.

Roidan resmungou. Talvez fosse verdade.

—Se os gritos de paixão dela podem medir seus talentos, teria que adicionar que é um bastardo sortudo e os homens estão invejosos.

Ele voltou seu olhar para Cyrus.

—Se algum deles sequer tocá-la...

—Eu já dei esse decreto. Precisamos dos homens que temos, não de você perdendo a cabeça e atingindo um deles. — Ele inclinou a cabeça e estudou Acelwyn juntamente com Roidan.

—Se eu a tivesse na minha cama...

—Quem falou em uma cama? Ainda tem de ser em uma cama?

Cyrus deu uma risadinha.

–De fato. Excelente se eu tivesse esse bocado sedutor em cima de mim, debaixo de mim, ao meu lado, felizmente perderia minha cabeça o dia inteiro.

Roidan sorriu.

–E durante toda a noite também.

Como se soubesse que eles estavam falando dela, olhou por baixo dos cílios e prendeu seu olhar no dele. Um lento sorriso sexy curvou o canto dos seus lábios.

–Sempre quis saber se as mulheres se sentam juntas e instruem umas as outras nessas pequenas ações.

Ela sorriu mais e ele sorriu de volta.

Alguém solicitou sua atenção e ela serviu-lhe algo da bandeja.

Roidan franziu a testa e percebeu que Cyrus estava falando.

–O quê?

–Eu disse que sempre quis saber se as mulheres se sentam juntas e instruem umas as outras na arte de flertar.

Ele balançou a cabeça.

Cyrus acenou com a adaga em direção a Acelwyn.

–A maneira que olha sob os cílios, a lenta curva dos lábios. Nós, meros homens, caímos por elas, não é? – Ele não tinha idéia do que o homem estava falando.

–Não quero que ela sirva ninguém, – Roidan murmurou.

Cyrus franziu o cenho e olhou de Roidan para Acelwyn.

–Sim, bem, como temos poucos em que confiarmos para nos alimentar, achei prudente colocar alguém no comando que fosse amigo dos moradores, alguém que tivesse influência sobre eles. Até agora, ninguém nos envenenou e se alguém poderia saber de um plano assim, seria Acelwyn.

Aquela declaração trouxe sua atenção para o homem sentado ao lado dele.

–Você passou muito tempo em batalhas desleais, meu amigo.

Cyrus zombou.

–Só porque elas têm doces bocetas molhadas não significa que não tenham mentes tortuosas que poderiam ser a ruína de um bom homem, ou da vida dele nesse caso.

–Vou me arriscar, obrigado.

Cyrus deu uma risadinha.

–Com uma mulher como essa, provavelmente eu também o faria.

Roidan a viu olhar para ele enquanto baixava a bandeja e dizia algo a um de seus soldados, antes de caminhar em direção ao canto da torre. Os jardins ficavam próximos.

O crepúsculo erguia-se na noite.

Ele se levantou para segui-la. Disse para Cyrus:

–Estaremos no jardim, garanta que não sejamos perturbados.

Cyrus grunhiu.

Algo sobre a mulher o chamava. Não era nenhum escudeiro ou rapaz de estábulo, com sua primeira paixão. Ele era um guerreiro.

Talentoso e admirado pelo próprio rei para fortalecer as defesas no norte.

Ela olhou por cima do ombro e, novamente, ele pegou aquela inclinação dos lábios antes dela desaparecer.

Ele teve a mulher todas as noites desde que a tomou a primeira vez sobre mesa. E ela ainda era como fogo em seu sangue.

A viu na sombra da torre. Os jardins já haviam sido melhorados, as mãos dela eram visíveis nestas melhorias.

Antes havia mato e as vinhas estavam mortas. Agora parecia limpo, os caminhos estavam começando a aparecer e as vinhas mortas tinham sido removidas.

–Você tem feito um bom trabalho aqui, – ele disse, inclinando-se contra uma árvore e observando como ela se ajoelhava e puxava uma planta.

–Sim.

Ele correu o olhar sobre ela, percebeu a maneira como seus longos dedos habilmente tiravam várias folhas de uma planta, a forma como inclinava a cabeça, como se estivesse pensando em algo e tentando encontrar as palavras para falar. Ele tinha percebido que ela fazia muito isso.

Ainda estava insegura sobre ele.

–A torre deve estar pronta para você, meu senhor, ate amanhã.

–Hmm.

Ela se virou e olhou para ele então, e novamente Roidan mergulhou naqueles ímpios olhos verdes.

–Por que veio aqui?

–Os homens estavam comendo, eu não era necessária e queria ter um pouco de tempo para dizer ao jardim que está indo bem.

Roidan esfregou um dedo ao longo da boca da moça.

–Dizer ao o jardim?

–Oh sim. Devemos sempre dar graças por aquilo que a terra nos presenteia. – Ela pegou outra folha e a girou entre os dedos. –Não fazer isso é simplesmente errado. – A ninfa dos bosques? Uma fada da floresta? Uma criatura sussurrando em torno das fogueiras. Ela falava com o jardim, curava com plantas e poções, sorria para ele e Roidan sentiu a cabeça girar.

–Venha aqui, Acelwyn.

Ela franziu a testa e virou-se, inclinando a cabeça. Ele quase podia ouvi-la perguntar *Por que?*. Esperou, estendendo a mão.

Acelwyn se levantou e veio até ele, colocando a mão na sua. Ele se sentou, encostado na árvore e a puxou com ele, colocando-se entre as coxas abertas da garota.

–Fale-me sobre o seu jardim.

Acelwyn inclinou a cabeça para trás, olhando para ele.

–M-meu jardim?

Ele passou as mãos sobre os braços dela.

–Sim, seu jardim, ninfa. Fale-me sobre ele. – Suas mãos se fecharam sobre a cintura de Acelwyn e puxou-a para que se inclinasse contra seu peito, as pernas dobradas entre as dele.

–Bem,Lottie, uma das meninas da aldeia às vezes me ajuda. –Ela suspirou. –Não está nem remotamente pronto ainda. Foi negligenciado por muito tempo para corrigir em poucos dias ou mesmo semanas, mas acho que nós estamos fazendo progressos. Muitas das plantas foram descobertas novamente e puderam respirar.

–Respirar? –Ele perguntou enquanto arrastava as mãos sobre a barriga dela, esfregando suavemente.

Acelwyn se mexeu e ele sorriu, pausando as mãos, pelo menos por um momento.

–Sim, respirar. Elas estavam sendo estranguladas pelas vinhas e cresciam em abundancia. Algumas terão que ser replantadas, os canteiros modificados de modo que os que estejam cultivados possam ser reabastecido e prontos para um novo cultivo. – Ele a puxou com mais força contra ele e respirou quando ela roçou em seu apêndice endurecido.

–Cultivo?

Lentamente, ele circulou os dedos até que acariciou os seios dela. Lindos, lindos seios.

Roidan queria vê-los, mas não tinha paciência agora para desnudá-la.
Em alguma outra noite...

–Sim, o cultivo. Você precisa de um novo cultivo para que as coisas... –Ela parou de falar e se contorceu contra ele, pressionando os seios em suas mãos.

–As coisas... – ele murmurou contra seu ouvido, puxando os mamilos endurecidos.

–Hummm.

–Para que as coisas o que? – Roidan perguntou de novo, lambendo sua orelha.

–Para viver, para prosperar, – ela sussurrou.

Ele lambeu uma trilha de trás da orelha até o pescoço, onde encontrou o ombro. Beijou a pele macia e Acelwyn engoliu uma respiração longa e estremeceu.

–Prosperar é bom –disse contra ela. Soltou um dos seios e lentamente puxou a túnica para cima, elevando-a centímetro por centímetro. As longas pernas, pálidas, os músculos mais definidos do que na maioria das mulheres com quem ele foi para cama. Mas Acelwyn não era como nenhuma outra mulher que ele conheceu, ou com quem esteve.

–O que você está fazendo? – Ela sussurrou, virando-se para olhá-lo.
Sua boca estava a poucos centímetros dele.

–Brincando, –disse, puxando a bainha mais e mais, até as coxas.

Os olhos de Acelwyn escureceram. Ele poderia jurar que isso acontecia quando o desejo agia e tomava conta dela.

Ele tinha visto a maneira como seus olhos sombrearam quando a tomou antes.

–Brincando? – perguntou ela.

Ele abaixou a boca sobre a dela e sussurrou contra seus lábios.

–Brincando, Acelwyn. Nós vamos brincar. –Roidan puxou o tecido até o estômago dela. Se pudesse, teria puxado a túnica para baixo e exporia os mamilos com os quais buscava.

Roidan mordiscou, lambeu e beijou o caminho que desobria. Acelwyn gemeu.

Ele agarrou primeiro uma das pernas, depois a outra e as colocou sobre suas coxas. Então abriu-a para ele.

–Eu quero brincar. Quero você para brincar.

Acelwyn inclinou-se mais para perto dele.

–Não comigo, – disse ele, levantando os olhos e olhando a moça – Com você mesma.

Ela franziu as sobrancelhas.

Roidan tomou uma de suas mãos na dele e a colocou na coxa dela. Observando seus olhos, puxou as mãos para cima, vendo como sua respiração se tornava mais rápida. Ah sim, eles iam gostar disso.

–Aposto, minha ninfa, que você está molhada, – disse inclinando-se para beijar-lhe a boca. Desta vez, ele não foi gentil, devorou a boca, fazendo-a ofegar, arquear-se e empurrar o quadril para mais perto de suas mãos.

A boceta estava quente e escorregadia com a sua essência. Ele sorriu.

–Vê? – Ele puxou a mão para trás e o mel dela brilhava em seus dedos.

Acelwyn observou-o.

–Toque-se, – disse ele, junto a orelha dela.

Ela lambeu os lábios.

–Mas...

–Você vai gostar, – Roidan a tentou.

Ela puxou o lábio inferior entre os dentes.

–Mas isso não seria... Quero dizer, você não vai...

–Eu vou desfrutar assistindo você mesma se dar prazer. –Ele pegou a mão dela novamente e a guiou para a junção das coxas. Com a outra mão, ele acariciava os seios através do tecido gasto da túnica. Quando Roidan pegou o mamilo entre o polegar e o indicador, beliscando-o apenas um pouco, ela gemeu. Acelwyn levou novamente os dedos dele até suas coxas. Os dedos dela tremiam e exploravam junto com os de Roidan.

Roidan apoiou o queixo no ombro dela e observou como seus dedos estavam escorregadios com a essência de Acelwyn.

Ela ofegou.

–Você sente como eu? – disse suavemente. –Está escorregadia e molhada aqui.– Ele rolou o polegar com o dela e o apertou no pequeno e duro clitóris.

Ela gemeu.

–Simplesmente implora para ser tocado, não é mesmo? – Ele sussurrou.

Acelwyn arqueou-se de novo e ele sentiu os dedos dela deslizando sob os dele no apertado e quente canal.

Ela gemeu novamente.

–Isso mesmo. – Ele mexeu de novo e abriu mais as pernas da moça.

Os dedos dela deslizavam para dentro e para fora.

Roidan queria fechar os olhos, para não perder o controle que restava.

Não queria perder nada. Queria assistir o desejo dela crescer, observar como reagia, ver como ela mesma se levava ao climax.

–Roidan! Roidan! Roidan!

–Eu estou bem aqui.

–Não é a mesma coisa. –Ela balançou a cabeça para trás e para frente, a respiração ficando cada vez mais rápida.

Ele riu sombriamente.

–Espero que não. Sou muito maior do que seus dedos. –E, no entanto, era uma bela visão. Acelwyn aberta diante dele, aprendendo como dar prazer a si mesma, aprendendo a sentir prazer e ele era o único que a ensinava.

Ela moveu sua mão mais rápido, a outra apertando seu antebraço. Ainda assim, Roidan brincava com o seio dela. Começou a mover o quadril, buscando, querendo...

Sua respiração acelerou.

–Não posso, – ela disse quase em um gemido. –Ohhh...

–Acho que você pode. –Ele observou, inclinando-se e colocou os dentes no pescoço dela e beliscou o mamilo.

Ela sentiu os dentes dele na pele do pescoço.

Oh, ela estava tão molhada, muito escorregadia. E as coisas diferentes que ele a fazia sentir...tão diferentes.

No entanto, *não iguais*.

O alívio estava simplesmente fora de seu alcance.

Acelwyn estava além de conseguir ver ou ouvir.

–Por favor, por favor, por favor.

O polegar dele encontrou o dela, brincou sobre a protuberância enquanto ela pressionava os dedos profundamente e voou para além, gritando no jardim.

Ela podia ouvi-lo, sua voz reconfortante. Querendo alguma coisa. Dizendo alguma coisa...

Sua mente não conseguia assimilar. Ainda não. O que ele estava dizendo?

Ela não se importou. Estremeceu novamente e caiu de volta contra ele, tentando puxar ar para seus pulmões.

Mas então ele se mexeu.

Antes que percebesse sua intenção, ele a tinha de quatro diante dele.

Olhou para Roidan por cima do ombro enquanto ele levantava a parte de trás da túnica acima dos seus quadris.

Aquele brilho nos olhos dele. Ela conhecia aquele olhar, havia aprendido que quando os olhos dele reluziam daquela forma, Roidan só queria uma coisa.

Acelwyn queria dar a ele.

Sem uma palavra, enquanto seus olhos se encontraram com ela, Roidan se desfez da *braies*². Então o magnífico pênis surgiu livre. Ela estremeceu e se virou. Com os braços trêmulos, se curvou e encostou a testa no antebraço.

Ele rosnou atrás dela e deslizou a mão sobre seu quadril, deslizando os dedos mais abaixo, diretamente em sua cavidade escorregadia.

Ela gemeu e arqueou-se novamente.

–Estou molhada o suficiente para você? – Perguntou ela. –Ou precisa que eu brinque um pouco mais comigo mesma?

–Menina, – disse ele rindo e deslizou para dentro dela.

Ela suspirou e perguntou-se como seria desta vez entre eles. Às vezes, ele era gentil, às vezes não. Muitas vezes exigente e outras mais delicado.

–Eu quero você, – disse ele, retirando-se e empurrando mais forte dentro dela.

–Você me tem, – disse ela sobre o ombro.

Entrelaçou a mão em seus cabelos, puxando-a um pouco mais. Então, agarrou seu ombro e a manteve parada para o ataque.

Oh. Oh. Deusa. Seus dedos afundaram na terra, esmagando as folhas em seus dedos. Ela tinha que agarrar algo.

² Braies é um tipo de calça usada por celtas e tribos germânicas na antiguidade pelos europeus e posteriormente na Idade Média. Nos final da Idade Média eram usados exclusivamente como roupas íntimas. Braies geralmente iam até os joelhos ou meio da panturrilha, semelhante aos chamados calções de hoje. Eram feitas de couro, lã, ou, em anos posteriores, algodão ou linho. Aprovada pelos romanos como Braccae.

Não havia nada de gentil nele neste momento. Desta vez, ele agia como o guerreiro que era, tomando, pilhando, conquistando.

Roidan a puxou de volta para suas estocadas, seu rosnados e gemidos profundos.

Ela pensou fugazmente se alguém podia ouvi-los.

Ele golpeou mais forte nela e ela não conseguia pensar em nada.

Tudo o que podia fazer era sentir.

Senti-lo longo, duro e profundo dentro dela.

Roidan avançou sobre os joelhos, abrindo ainda mais as pernas dela, fazendo-a estremecer quando o ar frio encostou na carne quente.

A outra mão dele chegou até a frente dela e dedilhou o pequeno feixe de nervos com o qual haviam brincado antes.

–Roidan.Roidan!

Ela gemeu o nome dele em cada um dos golpes poderosos.

Então ele descobriu um ponto perfeito dentro dela. Excepcional. Acariciou-o até que ela pensou que fosse explodir em chamas.

–Por favor! Por favor! Por favor!

Ele empurrou nela mais forte e mais rápido.

Os dedos de Roidan começaram a provocar, a ordenhar o pequeno pedaço de pele.

–Ooohhhh! – Ela pressionou-se contra ele, novamente. E de novo.

Ele empurrou profundamente, gritando, e ela se juntou a ele, os dedos cavando na terra. Voou para além, voou junto e se despedaçou.

Não tinha idéia de quanto tempo estavam no jardim, mas as tochas estavam acesas quando ela ficou ciente da noite fria. Do calor dele ao seu lado. Em algum momento Roidan a puxou para cima dele.

Olhando ao redor, sorriu.

–O jardim agradece. –Roidan resmungou, os olhos entreabertos.

–O jardim, – ela sussurrou, inclinando-se para beijá-lo. – agradece você. – Ela deu de ombros. –A nós.

–E como sabe? –perguntou, puxando-a para mais junto dele.

–Eu simplesmente sei. As plantas serão formidáveis este ano.

–Hum-hmm. – Em seguida, ele sorriu. –Eu ajudei o jardim .

Acelwyn levantou uma sobrancelha para ele e apoiou as mãos em seu peito, o queixo sobre as mãos.

–Cerimônias de fertilidade foram esquecidas por muitos.

–Eu estava pensando mais nas sementes que plantei.

Acelwyn revirou os olhos.

–Lavrei pessoalmente seu jardim.

Ela bateu a mão no peito dele.

–Que vergonha.

Roidan riu e passou a mão pelo cabelo dela.

–Meu senhor?

–Roidan, – ele corrigiu. –Me canso de ouvir o meu título, e gosto menos ainda quando meu pau está enterrado dentro de você. –Ele franziu o cenho. –Gosto de ouvi-la falar meu nome em outros momentos também, Acelwyn.

Ela podia sentir um rubor colorindo suas bochechas.

–Roidan.

O que ela ia perguntar mesmo?

Ele ainda acariciava seu cabelo, suavemente agora. Acelwyn se perguntou se ele percebia o que estava fazendo. Roidan andava tocando=a daquela forma terna e ela estava notando isso a cada dia mais. Nem sempre enquanto faziam amor ou depois, mas às vezes quando ela passava, ou ficava ao lado dele quando ele estava falando com um dos soldados ou as pessoas dali.

Como seria ser dele, completamente?

E afinal, já não era?

Mas e se ela fosse mais do que a curandeira dele? Mais do que uma rapariga disposta a aquecer sua cama, como ouviu uma pessoa dizer.

–O que vai pela sua mente, ninfa?

O que ela ia... Oh sim.

–Roidan, amo compartilhar sua barraca com você, sabe disso.

E Acelwyn gostava. Desde aquela primeira noite, ela ficou todas as noites na tenda com ele, entre as peles. Era maravilhosamente quente lá dentro.

Roidan ainda estava observando-a e seus olhos encontraram-se, os dele desconfiados.

–Você não vai voltar para sua cabana, Acelwyn. Não é seguro lá. Aquele comerciante maldito ainda está deixando o descontentamento dele bem claro.

Então era ele. Um dia em uma viagem para sua cabana com um soldado como guarda, Othgar havia se curvado e debochado: –*Minha senhora*.

E outros começaram a chamá-la assim também. Não por causa de Othgar, mas em deferimento a suas opiniões. Como sobre a torre e qual quarto Roidan gostaria. Coisas para estocar no armazém. Como reabastecer o jardim. Que dia deveria ser o dia de lavagem. Ela começou perguntando a Cyrus e ele lhe disse que era trabalho de mulher, e Roidan não se importaria. Então ela tomou as decisões que não deviam ser por direito dela. Disse a cada uma das pessoas que ela era Acelwyn, não a senhora.

A maioria concordou com a cabeça e parou. Outros não.

Mas ela não era a senhora do castelo, mesmo que, em curiosas vezes, como agora, ela quase poderia desejar ser.

–Você me ouviu? – Disse ele, erguendo a cabeça.

Ela deu um tapinha no peito dele.

–Sim, ouvi você. Isso é o que você pensou que eu ia perguntar? Pedir para voltar à minha casa?

–Bem, então diga logo mulher.

Ela bateu a ponta dos dedos no peito dele.

–Você é impaciente,sabia? – Roidan não disse nada, apenas continuou a olhar para ela daquela forma intensa.

–Eu estava pensando que já que a torre está quase pronta, você acha que é possível dormir lá antes de amanhã?

Os olhos dele eram cautelosos.

–Acho que sim. Por quê?

Acelwyn se inclinou e o beijou nos lábios.

–Porque, meu senhor, você me prometeu uma cama e eu estou querendo isso. –Ela virou de costas. –Uma mesa. Outra mesa. O leito do rio, embora não acho que conte como uma cama. O estábulo, o jardim... – Ela riu quando Roidan ergueu-se sobre ela.

–Estamos ansiosos? Para ir para cama? –Quando ele sorriu algumas linhas marcaram sua expressão.

Acelwyn segurou o rosto dele.

–Bem, ir para cama, sim.Gostaria de experimentar. Você me cultivou... ou seria plantou aqui no jardim?

–Arei, –disse a ela rindo.

–Fizemos no rio também.

Ele a beijou.

–A parede perto da leiteria. Não se esqueça dessa vez.

–Então, eu fui o que? Na leiteria?

A risada profunda retumbou do peito dele.

–Oh, definitivamente você foi amanteigada.

–Ah sim, e agora no jardim... – Ela o beijou e beijou um pouco mais. –Eu mencionei que havia realmente uma cama na minha casa?

–Ninfa. –Ele a beijou e riu.

Sim, ela poderia se acostumar com isso. Acostumar-se a ele.

Mas se atreveria?

Capítulo Seis

A fortaleza foi limpa, ficando com um bom aspecto. No entanto, ainda havia muito a reparar. Roidan estava aprendendo mais uma vez que a maioria das coisas precisavam de algum tipo de reparo. O velho barão não havia levado em conta suas responsabilidades. E se ele estava contente com o presente do rei, agora percebia que havia trabalho em abundância para ele e seu povo.

Observou os olhares furtivos das empregadas, a expressão teimosa do cozinheiro e a variedade ímpar de homens, em parte trabalhadores, outros soldados, que cuidavam da fortaleza.

Seus próprios homens eram um imenso contraste.

Ele e Cyrus já haviam decidido que seria necessário reparar os andares superiores. Pelo menos o quarto que ele dividia com Acelwyn foi limpo e pronto para o uso.

Seus homens ainda estavam dormindo do lado de fora enquanto seus quartos ainda não estavam prontos. Normalmente, ele estaria dormindo ao relento com seus homens, mas Cyrus informou-o que Roidan era o senhor e agora devia agir como um. Ele tinha tentado não bater no idiota. O fato de Acelwyn estar com ele tornava qualquer argumento que pudesse usar inútil.

Roidan queria ter certeza de que os aldeões tinham o que precisavam quando o inverno se aproximasse.

Os telhados precisavam ter a palha recolocada, as paredes reparadas, depósitos de alimentos repostos.

Pelo menos, havia abundância de peixes. Ainda ouvindo os homens relatando os eventos da manhã, olhou ao redor e percebeu que Acelwyn não estava no hall. Ouviu um pouco mais e, em seguida, Cyrus disse:

–Se eu te disser que ela está no jardim você vai prestar atenção?

Acelwyn praticamente entrou voando pelo corredor.

–Olha o que encontrei, meu senhor.

Ela segurava alguns galhos com ramos verdes saindo de ambos os lados para a sua inspeção.

–Não tenho absolutamente nenhuma idéia.

Os olhos dela estavam brilhantes de emoção, como ficavam quando Roidan a tinha excitada e pronta. Ele a trouxe para o próprio prazer, ainda que se descobriu gozando do dela quase até mais do que o seu próprio. Havia um frescor sobre a paixão deles, sobre a própria paixão dela que parecia despertar uma parte primordial nele.

–Demulcentes. Pensei que a fortaleza não produziria mais. Nós não tivemos nenhuma no ano passado e várias adoeceram. Eu tinha de ir para as montanhas para encontrar mais e estava com medo...

–Você fez o que? – Roidan interrompeu.

Cyrus tossiu, ou tentou encobrir seu murmurar. Roidan não tinha idéia do que ele disse e não se importava.

Acelwyn inclinou a cabeça e a luz do sol entrando pelas janelas fez reluzir o ouro e o vermelho fogo do cabelo reluzente.

–Eu fui para as montanhas...

–Sozinha? – Roidan perguntou calmamente.

Ela franziu a testa e passou a língua pelos lábios.

–Será que isso importa, meu senhor? Foi há algum tempo e os aldeões estavam morrendo.

–O que significa que sim. Você não tem juízo, mulher? – Ele perguntou, inclinando-se mais perto dela e esmagando o raminho de erva de sua mão. –Não me importo se metade da vila estava morrendo, você não vai sair sozinha.

As montanhas? Ele e seus homens não tinham feito esse ponto da costa ainda. Ela lhe disse que havia duas aldeias mais sob sua tutela a um dia de viagem para as montanhas. Inferno, qualquer coisa poderia ter acontecido com ela.

A carranca aprofundou-se entre as sobrancelhas dela.

–Devo ficar histérica agora com o fato de que você poderia ter sido ferido em qualquer batalha passada na qual lutou? – Acelwyn tentou puxar a erva, mas Roidan a segurou fora de seu alcance e aproximou-se dela, olhando para o queixo erguido da moça.

–Não gosto de mulheres histéricas ou tolas.

–E eu não gosto de homens arrogantes ou os idiotas. –Alguém limpou a garganta e Roidan lançou um olhar ao seu tenente.

Cyrus olhou de um para o outro, um sorriso repuxando seu bigode.

–E eu não gosto de ouvir crianças brigando. Então, irei cumprir meus deveres e ver a contratação de uma criada dócil para a fortaleza.

Roidan apenas arqueou uma sobrancelha para o amigo.

–Se você verificar na aldeia, pergunte por Margo. Ela seria um trunfo para a fortaleza. É uma viúva com jovens bocas para alimentar. – Em seguida, percebeu que talvez eles não quisessem que ela interferisse. Uma coisa era Acelwyn dar sua opinião quando se trabalhava com os aldeões, ou supervisionando alguma coisa e o senhor do castelo não estivesse presente, ou o seu segundo no comando. Olhando para baixo, ela torceu a manga da túnica.

A mão de Roidan sobre a dela chamou sua atenção para ele.

–Perdoe-me, meu senhor, só pensava em ajudar, –murmurou.

–E alguma vez dei a entender que não gostasse de receber sua ajuda?

– Ele balançou a cabeça.

–Acelwyn, você ajudou a mim e meus homens a suavizar nosso caminho aqui, e ao fazê-lo trabalhou incansavelmente para ajudar os moradores.

O alívio ondulou através dela. Era verdade, muitas vezes ele perguntava sua opinião sobre as coisas.

–A viúva? –Cyrus perguntou.

–Sim, uma viúva, – respondeu ela. – O marido dela foi morto pelo capricho do velho barão. Ela também é uma excelente cozinheira e gosta das coisas arrumadas e limpas.

Aquilo foi tudo o que Roidan precisava ouvir.

–Vá. Pergunte se ela gostaria de cozinhar aqui e ficar no comando das cozinhas.

–Bathlan não vai gostar disso. Ele prefere preparar as suas refeições.

–Bathlan tem as costas fortes e é necessário em outros lugares.

Cyrus deu um último sorriso, balançando a cabeça e disse:

–Estou indo então. E deixarei vocês dois brigando por uma erva daninha.

Ambos o observaram partir.

Roidan olhou para ela. A emoção dos olhos brilhantes foi substituída por um ímpio lampejo de cólera. No entanto, Acelwyn tentou acalmar-se.

A única vez que ela perdia a compostura era quando estava deitada sob ele. Realmente gostava de foder esta mulher, sentir o calor da boceta apertada e molhada em torno de seu pau.

E, ao mesmo tempo, Roidan sabia que era mais do que isso. Ele teve mais mulheres do que poderia honestamente lembrar e nenhuma delas jamais ficou com ele durante a noite, nem esteve sempre preocupado com o fato de uma delas poder cortar a mão em um caco de cerâmica quebrada. Nunca se preocupou se uma outra mulher poderia acidentalmente envenenar a si mesma, não que ele tivesse desejado mal a qualquer uma

delas, simplesmente nunca pensou nisso. Nunca se perguntou se alguma planta obscura era perigosa para um curandeiro manusear. Plantas e ervas para curandeiros eram como espadas para os guerreiros. Todas aquelas sensações eram novas para ele. Esta mulher o enlaçou de jeito. Havia algo sobre ela. Não apenas o fato dela se encaixar nele como uma maldita luva, ou que ela fosse apaixonada o suficiente para testar qualquer coisa que ele pedisse. Não. Era algo além. Ela o puxava. Quando estava com Acelwyn, todos os problemas pareciam simplesmente desaparecer, como se ela dissipasse todas as suas preocupações e as enviasse para longe quando faziam amor.

Ela cruzou os braços sobre o peito. Roidan notou que ela ainda usava a antiga e desbotada túnica, agora remendada. Queria vê-la em sedas. Diabos, ele tinha dado a ela uma outra túnica para vestir e ela agradeceu. Até agora não a viu usando-a.

Roidan se inclinou e manteve o olhar enquanto colocava as mãos na nuca de Acelwyn.

—Estamos indo cavalgar.

Ela estendeu a mão entre eles e acariciou seu pau com ousadia.

—Não estamos sempre? — Roidan segurou-lhe a mão dela. Em seguida, mudou de idéia. Envolvendo os dedos em torno de seus pulsos, ele a puxou atrás dele, passando das muralhas para as cabanas de banho. A primeira coisa que tinha reparado. Gostava de sentir-se limpo.

Gostava quando suas mulheres eram cheirosas e limpas também. Os hábitos nórdicos de se banhar não eram muito praticados. Com excessão dos vikings que provavelmente haviam construído aquelas cabanas. Isso também pouco importava. Estavam ali e seriam usadas.

—Onde você está me levando? — Ela perguntou. —Eu não acabei de capinar o jardim.

–Pensei que você tivesse uma menina da aldeia para ajudá-la? – Ele disse quando chegou à cabana. Empurrou a porta e viu, para sua alegria que ainda estava quente pelo uso naquela manhã. Tinha planejado trazê-la ali esta noite, mas a mulher o deixava louco o suficiente para esquecer a razão.

–Você não precisa fazer todo o trabalho sozinha, – disse, puxando-a para a cabana. As brasas da fogueira brilhavam fracamente.

Roidan pegou a concha do balde de água e a despejou sobre as pedras ainda quentes. O vapor assobiou e encheu o ar.

Havia um banco perto da fogueira.

–Venha aqui, Acelwyn. – Ela olhou para ele naquele momento. Este forte guerreiro orgulhoso.... Para alguém que conhecia a arte da destruição, ele era um amante incrível.

Acelwyn puxou os laços da túnica e soltou-os, descobrindo lentamente apenas um ombro.

–Sim, meu senhor?

Roidan se manteve firme e a olhava com aqueles olhos negros. O desejo circulando entre eles, tão certo como a fumaça e o vapor.

–Aqui, – ele ordenou mais uma vez.

Acelwyn sorriu e caminhou lentamente em direção a ele.

–Eu sempre quero agradá-lo, meu senhor. – Ele só arqueou uma sobrancelha.

Parando a vários passos de distância ela lentamente descobriu o outro ombro e deslizou até que a túnica caiu a seus pés. Retirando os sapatos, ela ficou nua diante dele.

Um músculo retesou-se e saltou ao longo da mandíbula de Roidan. Ele parecia tão controlado na maioria das vezes.

Ela se perguntou se algum dia Roidan perderia o controle. Quando isso ocorresse ela seguraria as rédeas. Teria que perguntar a uma das mulheres o que poderia fazer um homem perder a cabeça.

Acelwyn viu quando ele se despiu e se colocou gloriosamente nu diante dela. Os músculos ondulando e protuberantes. Os cabelos escuros caídos nos ombros. Acelwyn amava a sensação da textura deles entre seus dedos quando ele fazia amor com ela.

Deusa, ela adorava quando Roidan fazia amor com ela.

Andou até ele, colocou os braços ao redor e puxou-o para um beijo.

Ele permitiu o beijo, permitiu a ela assolar sua boca com mordidas e puxões. No entanto, ainda estava tenso.

–O que está errado? – Perguntou a ele.

Seus olhos perfuraram os dela.

–Não gosto da idéia de você em perigo. – Abaixou as mãos esfregando os braços dela, subindo para segurar os seios. Seus olhos se banquetevavam com os dela mesmo estando preocupado. –Eu não quero que saia sozinha. Acho que odeio o fato de que você poderia ser...

Ela balançou a cabeça.

–Estou bem. Foi no ano passado. Eu sou perfeitamente capaz... – Ele a puxou contra si e a olhou nos olhos. Bateu na bunda dela e depois esfregou a área.

–Não, você não é. Você é minha. Você não vai deixar esse lugar sem escolta. – Roidan bateu novamente na outra nádega, em seguida, a acariciou.

Acelwyn se retesou, trêmula. Ele estava com raiva.

–Entendeu?

Acelwyn apenas balançou a cabeça.

–Bom.

Ele aproximou-se do banco, em seguida puxou um cobertor, que jogou no chão.

–Deite-se.

Ela o olhou e obedeceu. Roidan lhe ensinou tanto sobre prazer e na maioria das vezes o homem era muito fácil de se conviver. Se ele simplesmente não fosse tão excessivamente protetor! Afinal, sabia se cuidar.

No entanto, não queria falar sobre isso agora. Por alguma razão, sabia que deveria apenas ficar quieta e ver o que ele faria a seguir.

Neste instante, apenas olhando para ele, escutando a voz sombria sentiu-se molhada, pronta. Ela simplesmente o queria.

Nunca conheceu o desejo antes deste homem e agora aquilo disparava através de seu sangue.

Ele se deitou ao lado dela, passando as mãos sobre seu corpo. O calor ali era quase sufocante. O suor já brilhava na pele. Inclinando-se sobre ele, Acelwyn levou o mamilo chato em sua boca e o molhou.

Segurou seu cabelo para mantê-la junto dele.

–Para baixo – ele rosnou.

Ela olhou para Roidan entre os cílios. Ele deitou-se e a observou.

Lentamente, torturando-o, ela lambeu e beijou um caminho para baixo pelos duros músculos do torso, estimulando-os com a língua.

–Você está demorando muito, – ele murmurou.

Ela sorriu e sussurrou:

–O que você está dizendo? A antecipação não é frequentemente apreciada? Estou saboreando, meu senhor.

Ele estreitou os olhos para ela.

–Contanto que você siga em frente. – Acelwyn riu e perguntou-se quando seu riso tinha adquirido um som tão sedutor.

– Posso ter esperança, meu senhor, que vá me fazer implorar?

–Oh, eu vou fazê-la implorar, – ele prometeu.

–Como eu farei com você, – ela se moveu mais para baixo e traçou o umbigo com a língua e depois abaixou, permitindo que seus cabelos cobrissem seus movimentos.

Roidan colocou as mãos em punhos ao lado, o orgulhoso pênis ficou esperando. Os cabelos de Acelwyn roçaram sobre o pau e ele chiou.

Sorrindo, ela ajeitou o cabelo sobre o ombro para que ele pudesse vê-la. Seus olhos prenderam os deles, e se inclinou lentamente para lambe-la a ponta.

Ele estreitou os olhos.

Acelwyn tocou, lambendo um lado, depois o outro, ao redor da ponta, puxando apenas a cabeça do pênis em sua boca e brincando com a língua.

–Acelwyn? – Ele rosnou.

Ela deixou a mão vagar até a coxa e então segurou as bolas.

–Sim? – Ele balançou a cabeça. Rindo, Acelwyn abriu a boca e levou-o para dentro. Amava o gosto dele, almiscarado, o cheiro de limão do sabão que ele usava. Adorava que ela, uma mulher, pudesse fazer este guerreiro poderoso implorar.

Não era um jogo novo entre eles. Acelwyn aprendeu nas semanas que passaram juntos como ele gostava de ser tocado. Como tomá-lo profundamente na boca e garganta, sem engasgar? Nem sempre funcionava, mas ela estava ficando cada vez melhor.

Ela o tomou, em seguida, mais profundo, movendo a cabeça para cima e para baixo sobre o seu eixo, longo e grosso.

A mão dele segurou sua cabeça.

–Oh santos. Sim! Sim – Com a outra mão, ela pressionou o quadril dele para baixo e tocou o saco do fascinante mastro. E então roçou a unha ao longo da pele macia logo atrás seus testículos.

Roidan tremia, gemia, o quadril se levantando e quase a empurrando.

–Você não está deixando que eu me divirta. –Seus olhos brilhavam para ela.

Desta vez, ela olhou ao redor e tudo o que pode encontrar foi o cinto dele. Acelwyn se levantou, mas ele pegou seu tornozelo.

–Onde você pensa que vai?

–Paciência. – Acelwyn o afastou, pegou o cinto e voltou para ele. – Coloque isso quando quiser se mexer. –Ele tinha feito isso com ela também.

Maldição! Roidan agarrou o cinto,torceu-o ao redor das mãos e deitou-se. Ela caiu de joelhos ao lado dele e disse:

–Agora seja bonzinho e deixe-me brincar.

–Ou? – A voz profunda a fez tremer e a deixou mais molhada.

Sua mente ficou em branco.

–Vou pensar em algo. –Então inclinou-se e o levou em sua boca novamente, mantendo o punho enrolado em torno da base do eixo. Ela usou as mãos e a boca para levá-lo a rosnar, gemendo.Realmente, o homem era grande! Ela torceu o punho e puxou para baixo enquanto sugava o eixo. Ele lhe ensinou daquela forma. Uma e outra vez. A outra mão estava ocupada acariciando e brincando com o saco. Um lugar sensível nele que havia encontrado por acaso.

Acelwyn torcia novamente e chupava mais forte.

–Ahhh... Porra... mulher... – Acelwyn fez de novo.

Ver Roidan implorar a fez querê-lo muito mais.

Ela se mexeu, querendo provocar.

–Não se atreva, –ele disse, a voz profunda rosnando ameaçadora. Ignorando-o, encostou os dedos na própria umidade, mas depois decidiu que preferia tocá-lo.

Então, traçou a sua essência no peito dele. Roidan agarrou a mão dela e inclinou-se lambendo os dedos.

–Acelwyn por favor. Por favor.

Ela soltou a base e levou-o tão profundamente quanto podia, enquanto ele empurrava. Uma vez.

Duas vezes. Ele rugiu quando sua semente saiu pulsado de seu pênis. Acelwyn engoliu a última gota deliciosa. Finalmente, lambeu o caminho de volta até seu eixo e colocou-se ao lado dele, aconchegando-se na curva de seu corpo, colocando a cabeça no ombro dele.

A respiração dele ainda estava ofegante.

Em seguida, ele se mexeu, rolando e prendendo-a contra o cobertor.

–Você vai pagar por tudo isso.

Ela apenas sorriu.

Com os olhos brilhando de promessas e ameaças ao mesmo tempo, ele tomou o cinturão nas mãos.

Acelwyn se perguntou brevemente se iria usá-lo nela, mas depois descartou essa idéia. Roidan não era de causar dor ou machucá-la.

Então, ele se inclinou e ela alcançou o cinto, pensando que iria prendê-lo como fez antes. Roidan afastou suas mãos para longe e o envolveu em torno de seus pulsos, apertando e Acelwyn notou que ele havia os amarrado juntos.

–Roidan!

–Shhhh... – Ele se inclinou e beijou-a. –Relaxe. Eu não vou machucar você. – Ela tremia. –Só vou fazê-la implorar, depois implorar um pouco mais e então... – Ele a beijou longa e profundamente, saqueando sua boca. –Então, minha ninfa, vou fazer você gritar.

Acelwyn estremeceu. Já molhada, podia sentir sua essência escorrendo pela dobra de seu traseiro.

–Agora, feche os olhos e sinta.

Por um momento, ela manteve seu olhar, em seguida, fechou os olhos.

Sua boca, quente e úmida fechou-se sobre o seio. Ela adorava a maneira como ele sugava seus seios. Roidan saboreou, acariciou e parecia querer engoli-la inteira. Quando beliscou um mamilo e puxou o outro contra o céu da boca, ela gemeu. Ele gostava de brincar com seus seios. Acelwyn sempre pensou que eram pequenos, mas ele parecia gostar muito deles. Roidan beijou e lambeu seu corpo, circulando o umbigo. Apertou sua bunda e ela se contorceu. Lambeu e mordiscou, com as mãos e os dedos ocupados até que ela só queria que ele a tocasse. Esfregou os dedos fortes ao longo de sua panturrilha, arrastou ao longo da parte de trás levemente sensível de seus joelhos.

Acelwyn mordeu o lábio. Não pediria ainda. Podia ser nova nisso, mas droga, se ele não a tocasse em breve...

Roidan beijou o caminho no interior de uma coxa, a língua girando em todos os lugares.

—Roidan — perguntou ela.

Ela podia ouvir o sorriso na voz dele.

—Sim, minha ninfa? — Ela suspirou em resposta.

Ele riu e continuou, de uma perna a outra. Foi relaxante e ao mesmo tempo excitante demais.

De repente, a empurrou com as pernas afastadas, mas em vez de sentir sua boca ou seus dedos, ela sentiu algo diferente.

Água fria escorria sobre ela e seus olhos abriram-se imediatamente. Roidan tinha mergulhado os dedos no balde de água fria. E estava deixando a água pingar em sua carne aquecida.

—Nós vamos ter que experimentar outras coisas quando o inverno chegar.

Ela estremeceu.

Então ele se moveu, deitou-se e colocou suas coxas sobre os ombros. Os olhos dele prenderam os seus. Abriu-a com os dedos e passou a

língua do clitóris a pele macia abaixo de sua fenda. Ela gemeu e fechou os olhos.

A boca e língua a torturavam. Os dentes mordiscaram os lábios inferiores, arrancando um grito dela, enquanto os dedos tocavam sua fenda. Ela precisava, precisava...

Deusa, ela podia se sentir pulsando.

–Eu amo o seu gosto – disse contra ela. – Amo a maneira como você fica molhada só de me ouvir falando com você. – Um dedo longo deslizou dentro dela enquanto a língua ainda brincava ao longo da pele esticada, ao redor do clitóris. –Amo quando digo algo que sei que a excita porque sua bela e pequena boceta se encharca apenas para mim. – Ele riu outra vez. – Como agora.

A língua quente estava lá, lambendo-a, espetando dentro dela e ela estremeceu.

–Oh, por favor, Roidan.

–Por favor o que? – Ele perguntou, lentamente. Queria apertar a cabeça dele contra ela, queria levantar-se contra sua boca, mas ele a manteve imóvel. Percebeu que com as mãos amarradas como estavam, não seria capaz de fazer mais do que puxar seu cabelo.

Ela se contorceu e Roidan balançou a cabeça de um lado para outro e fechou a mão em seu quadril.

–Não, fique quieta e deixe-me fazer do meu modo.

Acelwyn não queria ficar parada, queria brincar também.

Ela se encolheu novamente.

–Eu não quero...

Seus dedos a penetraram, junto com a língua. Ele brincou com sua capacidade até que ela se contorceu, sentindo que o clímax ainda estava fora de seu alcance.

Ele acariciou-lhe profundamente, iniciava e parava mais e mais. A língua lambia profundamente dentro dela, em torno do fascinante clitóris, enquanto isso seus dedos brincavam em seu jogo perverso.

Ela podia sentir a própria umidade entre as pernas, simplesmente deixando-a toda encharcada.

–Oh, por favor. Por favor. Por favor.

Acelwyn arqueou-se, tentando movimentar-se ao menos um pouco, enquanto Roidan continuava com a pressão em sua bunda.

Os olhos dela capturaram os dele quando ele levantou a cabeça. Tirou os dedos encharcados de seu núcleo e os levou até ela.

–Olha como você está molhada. – Em seguida, ele os desceu novamente. Mantendo o olhar dela, ele circulou a fenda, deslizou os dedos para baixo e circulou mais abaixo.

Ela tremia, em silencio.

Ele fez isso mais e mais vezes. Circulando sua fenda, então beirando sua bunda.

Seus nervos estavam em chamas. A respiração ofegante e se ela não... Se ele não...

Seus olhos encontraram com os dele e Acelwyn implorou.

– Por *favor*, Roidan.

–Como minha senhora desejar.

Aqueles dedos ímpios ainda circulavam, ainda brincavam em sua umidade, mas desta vez, deslizou um deles longa e profundamente dentro dela, enquanto pressionava seu traseiro.

Ela fechou os olhos, gritando.

–Ohhhhhhhhhhhhhhhhh. Rooooiiddannnn. – Ele deslizou os dedos profundamente. Entrando e saindo.

Ela se encolheu.

–Eu não posso. Eu não...

Roidan fechou os dentes sobre o clitóris e chupou profundamente enquanto pressionava dois dedos profundamente.

–Oh *deusa!* – Ela gritou, enquanto onda após onda de prazer relampejava através dela. Mais, mais e mais. Tudo pareceu sumir de foco.

Ela não soube quando ele a virou, o prazer ainda estava correndo por seu corpo.

Ele virou seu traseiro para ele, até que ela ficou de quatro. Roidan apertou seus ombros e ela baixou a fronte para descansar nas mãos atadas.

Ele empurrou para dentro dela, tão longe e profundo, tão malditamente bom.

Curtos golpes fortes, então longos, lentos, e profundos.

Todos a fizeram gemer.

–Novamente! Mais uma vez! – Ele gemeu.

Roidan balançou-se contra ela. Amarrada como estava, era como uma oferenda dos deuses, só para ele.

Ele se aproximou e colheu a grossa, doce essência, revestimento o dedo novamente. Sua bunda ainda estava escorregadia da provocação dele.

Desta vez ele agarrou suas nádegas e as puxou, esticando, vendo aquela pequena fissura rosada novamente. Roidan colheu mais do mel entre suas pernas, já sabendo o prazer que os aguardava. Ele passou mais da essência em torno da fissura apertada e, em seguida, enfiou dois dedos firmemente dentro dela, sentindo os músculos não utilizados apertarem seus dedos.

–Um dia, – ele disse, inclinando-se e sussurrando em seu ouvido. – Terei essa bunda também.

Roidan empurrou profundamente tanto com o pau e os dedos e ela gritou. Seus músculos estremeceram e apertaram os dedos e o pau, empurrando-o a um dos mais fortes orgasmos de sua vida. Ele bombeou e empurrou, rugindo a libertação enquanto derramava-se dentro dela.

Enquanto se acalmavam, percebeu que essa era uma mulher que ele não deixaria partir. Ela podia não saber ainda, mas era dele.

Capítulo Sete

Roidan amaldiçoou enquanto empurrava seu cavalo até a última colina para a aldeia. Alguém tinha atacado seu povo. Ele havia deixado sua cama e a mulher bonita na mesma, antes do amanhecer quando a notícia chegou a eles. Fumaça circulava negra e amarga no ar. Ele se perguntou quem havia atacado o seu povo.

Os homens estavam espalhados e mortos. Os olhos sem vida de uma mulher fixavam-se, a roupa rasgada. Gritos das crianças chegavam no ar enquanto ele e seus homens cavalgavam em meio ao caos.

Seus homens murmuravam maldições que ecoavam seus próprios pensamentos.

—Por que alguém iria atacar essa aldeia? Por puro prazer? — Mathimus perguntou, balançando a cabeça, com fúria na voz. Ele desceu do cavalo e removeu alguns destroços espalhados, atirando-os longe. Uma criança pequena encolhida contra a parede, sangue escorrendo pelo rosto. Mathimus era seu curandeiro. O homem já estava gentilmente limpando o sangue do rosto da criança.

—Quero saber quem fez isso, quem prejudicou essas pessoas — disse ele aos seus homens. Então puxou a espada. A conversa que ouvia morreu, o choro continuou, mas os que os observam, os moradores acalmaram-se e olharam para ele com olhos furiosos e estanhamente vazios. Olhos que ele tinha visto em toda as terras devastadas pela guerra. Mas que fosse condenado se iria ver aquele olhar em seu povo novamente.

—Eu sou Roidan! — Ele gritou. —Sou o novo barão e juro, esta atrocidade será vingada. — Ele olhou para um rapaz mais velho e apontou sua espada para o menino. —Você, rapaz. Me diga agora o que aconteceu.

O menino molhou os lábios, olhou ao redor e, lentamente, deu um passo à frente.

–Você é o novo barão? Fomos informados de que foram derrotados.

–Por quem?

–Os homens que vieram aqui. Homens leais ao velho barão.

–Qual a razão que eles deram para este massacre? – Perguntou ele, apontando para o jovem.

O menino se aproximou.

–Você é realmente o novo barão? – Roidan apenas olhou para o menino que finalmente baixou os olhos. Então respirou fundo e encontrou o olhar de Roidan novamente. Um valente rapaz aquele.

–Eles não deram nenhuma razão. Chegaram no final da noite e começaram o ataque.

–Você lutou contra eles? – Ele perguntou, ao ver o vergão no rosto do menino, o corte em seu braço.

Os olhos brilharam com lembranças sombrias.

–Eu lutei contra quem tentou nos seguir, assim não poderiam pegar os outros. – As bochechas do rapaz ficaram vermelhas. –Eu não sabia o que fazer.

Não, ele imaginou que simples agricultores não conheciam as maneiras de lutar.

–Outros? – O menino inclinou a cabeça erguida.

–As crianças. O máximo deles que pudemos salvar. Tentamos tirá-los daqui, para as cavernas perto das quedas d'águas.

Roidan assentiu.

–E vocês tiveram sucesso?

O rapaz engoliu em seco.

–Todos, exceto um. Minha irmã levou uma flechada. – Ele se virou e apontou para uma cabana que havia sobrevivido ao incêndio. –Voltei para

tentar ajudá-la e a encontrei. – Mathimus caminhou até ele, carregando o pequeno corpo de uma criança.

–Roidan. Preciso de ajuda. Envie alguém para buscar sua graciosa curandeira. Há muito trabalho a fazer aqui.

Ele balançou a cabeça. Olhou para o rapaz.

–Você sabe montar? – O garoto balançou a cabeça.

–Sim, meu senhor.

–Você vai descer a aldeia principal, até a fortaleza e diga a Cyrus que o barão o enviou. Eu quero minha curandeira e mais dois homens. O resto deve ficar e proteger o castelo. Você consegue se lembrar disso?

O garoto balançou a cabeça.

–Qual a distancia até a cachoeira?

–Não é muito longe, – disse o garoto.

Roidan acenou com sua espada.

–Mostre-me o caminho para que possamos chegar ao abrigo das crianças e ter certeza de que estão todos seguros.

Acelwyn observava o horizonte da ameias. Um dos soldados de Roidan estava de sentinela.

Não havia nenhum sinal de Roidan ou seus homens. Ela perguntou-se o que estava acontecendo. Num minuto ele estava provocando-a sobre fazer amor como costumavam fazer e no próximo um soldado veio correndo dizendo que havia fumaça ao longe. Dali ela podia ver a fumaça negra. Demorava quase um dia para chegar a essa vila no alto da serra.

Acelwyn argumentou que precisava ir.

Ele lhe disse para ficar. Quando ela tentou argumentar que as pessoas poderiam estar machucadas e uma curandeira seria necessária, ele rebateu com o fato de que a queria segura e que possuía seu próprio curandeiro, que

também sabia lutar. Ele pegou Mathimus e a deixou ali. Para mantê-la segura.

Ela ainda não tinha decidido se estava irritada ou aliviada, o que não fazia sentido, mas fazia muito tempo desde que teve alguém para cuidar dela, alguém que se preocupasse.

Ela já havia embalado sua sacola com as ervas que usou antes quando as lutas eclodiram. Ainda precisava de algo de sua própria cabana que deveria ter ido buscar há mais tempo.

Mas se fosse necessária, haveria tempo para parar?

Ela teria que ir. A erva crescia apenas sazonalmente e a colheita ainda não ocorreu este ano e mesmo que tivesse, a tintura levava diversas luas para ficar pronta. Ela precisava dessa tintura. Isso ajudaria a aliviar a dor e permitiria que o ferido dormisse.

Tomada a decisão, sabia que teria que se apressar. Sabia que ou Roidan ou seus homens voltariam em breve. Ela seria necessária e não ia ficar sentada esperando por alguém para levá-la à sua própria cabana.

Poderia dormir no castelo, na cama do barão, todas as noites para ser mais exata, mas a pequena cabana ainda era dela.

Acelwyn apressou-se das muralhas até os portões. O soldado não quis deixá-la passar.

—Mas preciso sair. Só vou ficar fora um momento.

—Eu tenho minhas ordens milady.

Este guarda era jovem, mas claramente sabia de suas responsabilidades.

—Preciso de algo da minha cabana.

Ele se moveu para bloquear seu caminho justamente quando um grito rasgou o ar. Lottie estava deitada no chão perto de um carroção.

—Acho que torci o tornozelo, Acelwyn, — ela gritou.

—Por que você estava correndo, Lottie —? Acelwyn perguntou.

Ela olhou rapidamente para o guarda e apontou para a porta com a cabeça.

Acelwyn conhecia a jovem amiga o suficiente para suspeitar que, provavelmente, não havia torcido o tornozelo.

O jovem guarda, contudo, não sabia disso. Ele corou quando se agachou ao lado de Lottie.

–Acelwyn. Esqueci que deixei a poção fervendo na cabana. Eu estava correndo para verificar e espero que não tenha queimado, já que não servirá para nada, então.– Os grandes olhos azuis de Lottie encheram-se de lágrimas e ela colocou uma mecha loira perdida atrás da orelha. –E agora torço o tornozelo. Você verificaria a poção para mim?

Sem outra palavra, ela correu para longe, ouvindo o guarda chamá-la. Se virou e acenou com um sorriso.

–Logo estarei de volta. Não irá ocorrer nada de mal. Ajude Lottie a entrar por favor, e trarei uma poção para a dor.

Aproveitando a oportunidade, ela juntou as saias e correu morro abaixo, o manto voando atrás dela. Se não se apressasse, o jovem guarda provavelmente enviaria outros para ter certeza de que estava bem.

Só levaria um instante. Então teria sua tintura e mais ervas caso fosse necessário. E estaria de volta ao castelo antes que Roidan pudesse retornar. Afinal, ele somente saberia depois de acontecer...

O homem era tão possessivo!

Ficar sozinha por alguns instantes seria celestial.

Ela correu ao longo do caminho, ignorando toda a aldeia e golpeando a própria porta aberta. Assim que entrou, a porta se fechou atrás dela e braços grossos a apanharam.

Ela arqueou-se contra o aperto, gritando, sabendo antes que ele dissesse alguma coisa de quem se tratava.

–Eu sabia que você ficaria sozinha, mais cedo ou mais tarde. Estou feliz de ver que a pequena prostituta veio a mim, – disse ele por trás dela, quente e suado em seu ouvido.

Ela tentou se retorcer para longe e chegou até a mesa. Mas não adiantou. Ele a agarrou e a girou, fazendo-a bater as costas contra a mesa. Potes e jarras caíram e quebraram no chão, derramando o precioso conteúdo.

Eles lutaram e Acelwyn abriu a boca para gritar, mas o punho dele cortou seu grito.

Ela tentou pegar um jarro pendurado acima dela, e bater em sua cabeça, mas estava fora do alcance e esse apenas balançou no gancho.

–Eu gosto da guerreira em você, admito, foi o que me atraiu e me fez aproximar-me de seu pai. Mas ouça bem, minha menina. Você vai me obedecer ou irá sofrer as consequências.

Ele girou em torno dela, um braço grosso apertando-a na garganta.

Acelwyn retorceu-se e passou as unhas no rosto dele, arranhando profundamente.

Ele amaldiçoou e a girou, batendo o punho no lado do rosto dela. Dor, quente e brilhante estourou por trás do olho. Acelwyn tropeçou nas prateleiras. As ervas, frascos e recipientes oscilaram e caíram ao seu redor, alguns quebrando a seus pés. Ela teria caído se não fosse o fato dele reforçar o aperto sobre o braço dela e lhe bater novamente.

–Cadela. Vou te ensinar a quem você pertence. Você é minha. – Ele bateu nela de novo. E, novamente, sempre mantendo um contundente aperto sobre o braço para segurá-la.

A dor explodiu em sua cabeça. Em seu rosto. Ele apertou-a contra a parede, torcendo os dedos dolorosamente em seu seio.

Ela gritou e tentou lutar.

–Ele vai matá-lo por isto.

–O barão? – Ele balançou a cabeça e sorriu. –Ele vai chegar tarde demais. Você já será minha nesse caso.

Ele recuou e Acelwyn tentou chutá-lo, mas o homem apenas riu e a empurrou.

–Você foi vendida para mim. Não gosto de compartilhar o que é meu e tenho suportado tudo o que posso, até agora. – O hálito fétido soprou no rosto dela quando ele se inclinou, o corpanzil pressionando o dela com força contra a parede.

–O barão não vai deixar você fazer isso.

Ele riu.

–Se tivermos sorte o Barão não vai voltar e mesmo se voltar, – ele apertou mais forte, enrolando a mão em seus cabelos até que o pescoço ficasse curvado para trás, –isso não importa. Você já será minha.

–Eu não serei.

–Oh, mas você será. Um homem como o barão não toma restos de gente como eu. – Ela tentou de novo se afastar, mas ele virou e bateu sua cabeça contra a parede.

Estrelas explodiram atrás de seus olhos, as paredes pareceram oscilar e a escuridão a engoliu.

* * * * *

Filtrou as vozes em primeiro lugar. A dor pulsava quente e pesada em sua cabeça.

Alguém gemeu. Ela?

Tentou se mexer e percebeu que estava deitada no chão.

Respirando pela boca, cuidadosamente impulsionou-se, a dor riscando através das costelas.Tentou olhar ao redor.

O mundo se turvava em torno dela.

–Veja, ela está acordada. Podemos começar. –A voz de Othgar deslizou por um túnel até ela.

–Mas, senhor, ela deve recitar os votos sagrados.

–Tenho prata suficiente. Basta assinar o maldito decreto e está feito, –Othgar soprou.

–Não posso. Ela deve dizer os votos, – disse outra voz.

A voz era mais profunda do que a de Othgar, mas claramente o homem não podia enfrentá-lo.

–Por prata o suficiente, você vai dizer que ela falou os votos –Veio o silêncio.

–N-não, – ela murmurou.

Tentou encontrar a outra pessoa, o outro homem. O chão não era o da casa dela. Havia madeira neste piso.

A cabana de Othgar. Ou um navio?

Por favor, que fosse a cabana dele, não o navio.

Só então o chão se moveu, levemente.

Navio. Maldição. Onde estavam os guardas? Ela deveria ter ficado na fortaleza. Nada disso teria acontecido se ela simplesmente tivesse permanecido no castelo.

Talvez Othgar a deixasse voltar à cabana. Alguém ainda estaria procurando por ela?

Quanto tempo se passou?

Náuseas circularam através de seu estômago. A cabeça batia com o coração, aumentando a dor através dela e fazendo-a gemer novamente.

Seu corpo todo tremia de dor.

A prata tilintou no saco que Othgar jogou sobre a mesa entre ele e outro homem.

–O barão vai matá-lo se você fizer isso, – ela tentou dizer. Seus lábios não estavam funcionando corretamente. Por algum motivo não

conseguia ver direito, e percebeu que ainda usava o manto de veludo azul escuro que Roidan lhe dera. O capuz era tão grande que caiu para a frente em ambos os lados de seu rosto, obscurecendo sua visão periférica e escondendo-a dos outros.

O sangue no chão abaixo dela lhe chamou a atenção. Seu próprio sangue.

Um gosto metálico parecia cobrir sua língua.

Eles estariam procurando por ela. Ela sabia disso. Fosse o jovem guarda ou o próprio Cyrus.

–Meu senhor, não quero causar problemas com o novo barão, – o padre tentou novamente.

Os passos pesados de Othgar passaram por ela e a mão dele segurou o braço já ferido e a puxou para cima.

–Esta é a prostituta do barão. E farei dela uma mulher honesta. Como isso é uma coisa ruim? Estarei salvando a alma da prostituta. – O padre resmungou alguma coisa. Acelwyn tentou se concentrar nele, mas o mundo ainda estava turvo e desfocado ao seu redor. Ela tentou sacudir a cabeça, mas a dor fazia com que não fosse capaz de pensar com coerência.

Tremores corriam através dela.

–O que ele disse é verdade? Você é a...?

O padre não conseguia pronunciar? Prostituta? Meretriz?

–Amante? Sim, sou. – os dedos de Othgar apertaram um pouco mais forte em seu braço e ela estremeceu.

Alguma vez foi ferida desta maneira? Provavelmente, e como uma curandeira, sabia que só iria piorar.

–Então você deve dizer as palavras, minha filha. Não é tarde demais... – O padre falou algo mais, mas ela desistiu de tentar entender. O homem já estava decidido. E ela ouviu o tinir das moedas novamente. Ele devia ter colocado-as no bolso.

–Quem vai saber se os votos não forem ditos? Ela vai me obedecer, vou sustentá-la. – Apenas assine o decreto. Para que assim possamos nos afastar deste lugar. – O padre resmungou algo mais.

–Por favor, – ela implorou. Não iria casar com este homem. Não iria. Mas o som de uma pena no pergaminho era inconfundível.

Ela se perguntou o que aconteceria quando Roidan descobrisse. Será que ele ainda iria querer ficar com ela?

E por que iria?

Lágrimas encheram seus olhos, mas ela se recusou a deixá-las cair. Não. Não. Não.

Berros e gritos encheram o ar.

–Detenha-se em nome do barão! – Ordenou uma voz.

Cyrus. Por favor.

O padre olhou para o pergaminho, para ela e depois para Othgar.

Passos soaram na madeira do navio. Sons de espadas se chocando enchiam o ar.

–Você está lutando contra o barão, tolo! Lutar contra nós é lutar contra o senhor da terra, o Barão de Dakar, – disse Cyrus. –Vamos falar com o comerciante Othgar.

A porta da cabine em que estavam foi aberta.

Inclinando a cabeça, ela não conseguiu olhar para ele.

–Você chegou muito tarde. Estamos casados. Ela é minha, – Othgar proclamou.

Cyrus nada disse, mas ela ouviu seus passos enquanto caminhava para a mesa.

–Isso é verdade?

Ela não podia responder. Tremores a sacudiam.

–Você prometeu casar com esse homem? – Perguntou ele. Botas, amarradas até os joelhos pararam em sua linha de visão. A borda de sua

túnica tocou as extremidades. –Acelwyn? – Ela só conseguia balançar a cabeça. Então lambeu os lábios e provou novamente o gosto de sangue.

–N-não, meu senhor, Cyrus. E-E-Eu não.

O suspiro dele poderia ter derrubado uma árvore.

–Solte-a. –Othgar a puxou para mais perto dele e ela gemeu.

–A certidão de casamento diz o contrário.

Acelwyn manteve a cabeça baixa. Mas podia ver os dedos de Cyrus tocando no punho da espada.

–Padre? –Cyrus perguntou.

Tinha a sensação de que não tirava os olhos dela.

–Eu apenas assinei o decreto. É para o bem da moça. Ela ficará melhor como uma esposa do que como uma prostituta.

Várias pessoas prenderam a respiração.

–Quanto ele te pagou? – Cyrus perguntou calmamente, o corpo se movendo de forma que parou na frente de Othgar.

–M-meu senhor? – Balbuciou o padre.

–Quanto –Cyrus disse agradavelmente, puxando a adaga e aproximando-se de Othgar, – esse cretino pagou a você para assinar esse decreto? – O silencio se fez.

–U-um saco de prata, – ela sussurrou.

–Ah. Leve ambos, – Cyrus ordenou. –Coloque-os no calabouço. O barão pode decidir o que deve ser feito após o seu regresso.

Ele estava colocando-a na masmorra?

Othgar a empurrou e ela tropeçou, caindo e soltando o fôlego. A dor aumentou nas costelas e Acelwyn só queria se enrolar. O manto ondulou ao seu redor. Ouviu um tumulto em torno dela e deixou de prestar atenção, concentrando toda a sua energia em não desmaiar ou vomitar.

–Leve-os para o castelo, – disse Cyrus, justamente ao lado dela. –O casamento foi consumado?

Ela se encolheu, balançando a cabeça, não tendo certeza se alguém estava prestando atenção nela ou não.

–Sim, – Othgar gritou.

–Não – disse o sacerdote.

–Não, – ela sussurrou, ao mesmo tempo.

–Embora deveria ser. Ela está vivendo em pecado! – Gritou o padre. –Eu estava tentando ajudar a pobre menina.

–Ela é minha! Minha, malditos sejam todos! –Othgar amaldiçoou e gritou. –Veja se ele a quer agora, – ele sussurrou. –Veja se o poderoso barão a quer depois do que eu fiz a ela – As palavras foram abafadas e ela virou a cabeça, mantendo o capuz a escondendo dos olhares dos outros. Ela viu Othgar se segurar a uma parede, o punhal de Cyrus pressionado contra o pescoço dele.

–Você insultou a mulher do meu senhor. – as palavras de Cyrus foram baixas, calmas e assustadoras.

Acelwyn sentiu os pêlos dos braços ficarem arrepiados. Estremeceu e se encolheu, os tremores enviando dores ao longo de sua costelas.

Oh deusa, estava machucada. Cuidadosamente, tentou mover-se.

Um dos soldados estava ali e pegou sua mão, ajudando-a lentamente a ficar de pé.

–Neil, – disse Cyrus.

–Sim? – O soldado respondeu ao seu lado.

–Leve a senhora de volta para sua casa, rapidamente. Devemos encontrar o barão na vila.

–Sim, senhor.

Ela ficou ali,estonteada e tentando permanecer ereta, mas suas costelas já estavam repuxando. Acelwyn parou perto de Othgar, então se aproximou e olhou nos olhos dele.

Aqueles olhos a perfuraram, escuros, com ódio e raiva.

–Eu nunca vou lhe pertencer. Você pode fazer o que quiser, mas eu *nunca vou* ser sua. – Ela deixou os dois outros soldados ajudá-la a sair do navio. O mundo ainda estava confuso e os sons ecoaram através dela, como se estivesse debaixo d'água. Tudo estava estranho na sua cabeça, mas ela mal teve tempo de se preocupar com isso.

Se reclamasse ou dissesse algo, Cyrus poderia decidir não levá-la para o barão.

Acelwyn tinha que encontrá-lo. Roidan podia estar zangado com ela. Afinal, estava casada.

Ou não?

Doeu pensar.

Ela só queria sair dali. A idéia de ficar sozinha com Othgar –seu marido–era inaceitável. Ela estremeceu.

–Você está bem milady? – Um soldado, Neil?, perguntou-se, confusa.

Ela não respondeu. Apenas se concentrava em colocar um pé na frente do outro ao longo do cais. Cavalos estavam esperando. Isso ia doer, ela imaginou. Não havia como evitar.

–Você poderia me ajudar? – Ela finalmente perguntou sabendo que não poderia montar a cavalo sozinha.

–Claro, – respondeu o soldado, unindo as palmas das mãos para ela apoiar o pé.

Entretanto suas costelas repuxaram e ela engoliu o gemido.

–Milady? – Ele perguntou, montando o cavalo atrás dela.

Acelwyn apenas balançou a cabeça e se segurou a sela.

Ele esporeou o cavalo e eles rapidamente iniciaram a marcha. Ela olhou para o cume, observando o sol baixo no céu. Levaria o resto do dia para chegar lá.

Neil veio ajudá-la a descer, mas ela afastou as mãos dele, baixando o rosto e deslizando para o chão. Ficou encostada na sela por um momento e então cuidadosamente fez o caminho até sua cabana.

Potes e jarros estavam espalhados e quebrados no chão. Sangue manchando o branco da parede perto das prateleiras. Neil pigarreou. Era esse o nome dele, não? Ela não tinha idéia, não conseguia lembrar o que Cyrus havia dito. Desejou que Roidan estivesse ali.

Experimentalmente, tocou a carne em torno do olho, surpresa ao ver como estava inchada. Não era a toa a dor no rosto machucado, ou que não conseguisse ver corretamente.

A sacola. Ela precisava da sacola e ela estava... não estava ali na mesa.

Alguém já deveria ter pego.

—Cyrus veio até aqui atrás da senhora. Não deveria ter vindo sozinha, milady – disse ele, com reprovação na voz.

Ela parou e se virou lentamente. Olhando-o diretamente nos olhos disse:

—Você acha que ainda não percebi o meu erro? – Ele abriu a boca, depois fechou-a, e a cor fugiu de seu rosto. Finalmente, ele baixou os olhos.

—Minhas desculpas milady. Eu...

—Seja útil e ajude-me. Acho que não posso me mover rapidamente.

—Como quiser. Embora na minha opinião, deveria estar na fortaleza, à espera de um curandeiro.

—Ninguém perguntou sua opinião, – ela retrucou. —Preciso de verbená. Você sabe, a que está secando...

—Sim. Minha mãe era uma curandeira.

—Bom, pegue-a e coloque neste jarro. – depositou-o na mesa que estava vazia.

Encheu a bolsa com o que pensou que poderia precisar: óleos, folhas, ervas e pomadas.

Acelwyn tentou achar as bandagens e percebeu que estavam na fortaleza.

–Preciso de tiras de tecido e a maior parte dos meus suprimentos estão na torre. Não sei se estes serão suficientes. – Ela empurrou o que tinha para dentro do saco de couro. Estaria esquecendo de algo?

–Vamos, – disse Cyrus, entrando na cabana. Ela puxou o capuz de volta ao lugar, mas não antes dele parar na frente dela e tirá-lo.

– Deixe-me.

–Milady, se a tivéssemos deixado, você estaria navegando a estas horas – A mão dele empurrou o capuz e olhos se estreitaram, escureceram e amaldiçoou em outro idioma. Francês, se ela não estivesse enganada.

–Roidan vai me matar.

–Então não diga a ele. Ele vai me ver em breve. – Ela pegou a bolsa e puxou o capuz para encobrir o rosto.

–Você deveria estar na cama. Precisa de um curandeiro.

–Como eu disse antes ao jovem soldado aqui, não pedi sua opinião. Temos que chegar à aldeia.Vamos? – Ele inclinou a cabeça.

–Se você tivesse seguido as ordens e permanecido na fortaleza, estaríamos a caminho horas atrás. Nós estivemos procurando-a por mais de duas horas.

–Cyrus, estou cansada, não consigo ver direito e nós temos uma longa viagem pela frente. Pode deixar para me repreender no caminho? Pelo menos, isso fará passar o tempo. – Ele sibilou, passou a mão pelos cabelos e estendeu a mão para ela.

–Vamos. Você está certa.Vou repreendê-la,sim.

–Bom, quando Roidan me ver espero estar entorpecida, nos ouvidos, corpo e cérebro.

Capítulo Oito

Roidan andava enquanto esperava. Tinha visto um grupo de viagem pela montanha ao pôr do sol. Eles deveriam estar ali a qualquer momento. Por que levaram tanto tempo em responder ao chamado?

Ele passou uma mão ao longo do pescoço, pensando novamente quem do regimento do antigo barão havia prejudicado essas pessoas. Seu povo. Ele tinha que descobrir. A justiça seria feita.

Dois dos bandidos foram encontrados perto da queda d'água e rapidamente liquidados. As pessoas que tinham se escondido já estavam ajudando seus homens a reconstruir suas casas.

Piras funerárias estavam queimando para aqueles que ainda acreditavam nos métodos antigos.

Outros queriam que seus entes queridos fossem enterrados a maneira cristã.

Ele estava afastado há quase três dias da fortaleza. Eles começaram no final da noite, passaram o dia anterior ali e ele enviou o rapaz para buscar seus homens.

Esperava que o ataque não fosse um artifício para afastá-lo da fortaleza.

—Meu senhor, eles estão chegando a colina agora.

Ele se virou e saiu da cabana em ruínas em que estava. Tantas casas para reconstruir. Seus homens ajudariam, com certeza.

Ele olhou para o lado e viu um homem velho tentando arrastar uma tora. Para onde, só Deus sabia...

Olhando para os cavaleiros se aproximando, Roidan amaldiçoou e foi ajudar o homem a levar a tora para a própria cabana, para suportar o peso do telhado que, como os outros, estava instável.

O sapé teria de ser substituído. Eles ficariam ali pelo menos uma semana, talvez mais. Já estava ficando mais frio.

No momento que Roidan voltou para a clareira, os cavalos já estavam lá e os homens estavam espalhados. Todos, exceto Mathimus.

–O curandeiro está fazendo seu trabalho, – disse Cyrus como se adivinhasse seus pensamentos.

–O que você está fazendo aqui? Eu queria Acelwyn e Mathimus. Ao invés disso vieram três homens e você. Quem guarda a fortaleza?

–A fortaleza e o cais estão tão bem guardados quanto as masmorras.

Ele franziu a testa, muito cansado para cair no enigma de Cyrus.

Roidan observou a multidão, as sombras escuras escondendo o que ele queria ver.

–Onde estão os curandeiros? – Ele finalmente perguntou, interrompendo Cyrus, que continuava sua conversa.

–Você ouviu o que eu disse? – Perguntou Cyrus, a descrença em seus olhos.

Roidan esfregou os olhos e a barba no rosto.

–Não. Estou tão cansado que não consigo ver direito. As pessoas aqui... – Ele proferiu um juramento. –Eles foram atacados sem aviso, sem provocação além de eu ter derrotado o velho barão. Eu quero paz, chega de guerra. – Ele suspirou. –Por Deus, já vi demais de tudo isso.

Cyrus abriu a boca, fechou e disse:

–Há algo que devemos discutir.

–Agora não. Preciso pensar. Há tanto a ser feito aqui. Se as pessoas forem passar o inverno, vou ter que escolher alguns soldados para proteger a vila caso ocorra outro ataque. O inverno está chegando e não sei como

estão os suprimentos deles, ou do que vão precisar. Oito telhados estão completamente destruídos. Precisamos substituir mais...

–O que vou dizer é algo que você vai querer saber, antes de ver, – Cyrus interrompeu. – Essa é a razão pela qual vim para esta encantadora aventura, mesmo sabendo de sua ira. –Ele parou e deu a Cyrus total atenção. Cruzando os braços, esperou.

–Acelwyn... – Cyrus respirou. –Juro que vai ouvir a história toda antes de começar a gritar.– Ele não ia gostar disso. Respirando fundo, balançou a cabeça.

–Ela saiu da fortaleza.Fomos até sua cabana e havia sangue na parede...Nós a procuramos em todos os lugares e, finalmente, decidimos tentar o navio de Othgar. – Cyrus passou a mão pelos cabelos enquanto continuava. –Eu estava preocupado de que o desgraçado já tivesse partido.

Um comentário destacou-se.

–Sangue na parede da casa? Era dela? –Cyrus só olhou para ele e balançou a cabeça antes de continuar.

–Ele subornou um padre para...

O medo se estabeleceu profundamente, torcendo seu estômago.

–Para? –Cyrus lambeu os lábios.

–Para casá-los, meu senhor.

Alguma coisa se apertou no peito dele. Roidan proferiu as palavras com dificuldade.

–E eles casaram?

Cyrus tomou fôlego, entregando-lhe um pedaço de pergaminho que retirou da túnica.

–O casamento não foi consumado.

A fúria o dominou. Ela quis se casar com o filho da puta?

Não.Roidan afastou aquele pensamento.Sabia que Acelwyn jamais se uniria de boa vontade com aquele traste.

Olhou para baixo e abriu o pergaminho lendo o latim rapidamente.

–Onde ela está?

–Não foi culpa dela.

–Ela está ou não casada com outro? – Ele perguntou, em voz baixa.

–O padre foi subornado, ele mesmo admitiu isso. Ela nunca disse os votos e...

Roidan acenou o pergaminho em direção de Cyrus.

–Mas isso diz o contrário. Tem certeza de que não há cópias deste documento?

Cyrus fechou os olhos.

–Há mais.

–Mais? – Pelo sacramento. –O que *mais* poderia haver? – A cólera deslizou quente e grossa por ele. Por que ela não o ouviu? Um grito do outro lado o fez se virar.

Roidan viu a capa escura no chão, conhecia aquela capa. Ele a tinha dado a Acelwyn.

Seu coração apertou-se e viu como Mathimus a pegava no colo.

Roidan amaldiçoou e caminhou em direção a Mathimus que desapareceu com ela dentro da barraca de Roidan, antes que ele os alcançasse.

Cyrus estava parado ao lado dele.

–Você precisa me ouvir antes de vê-la.

Roidan tentou afastar o pânico.

Mathimus se virou de onde estava agachado ao lado a figura no catre.

–Por que diabos você a deixou vir? – rosnou. –Não precisamos de outro paciente.

Roidan congelou-se quando a viu mais detalhadamente.

O rosto dela era uma massa de hematomas inchados. Um lado do rosto estava completamente roxo, um olho estava fechado de tão inchado.

Roidan não se lembrava de chegar a ela ou empurrar Mathimus para fora do seu caminho.

–Aquele comerciante fez isso? – Rosnou a Cyrus.

–Othgar? Sim.

–Ele está morto?

–Não. –Cyrus suspirou e se moveu, passando a mão pelos cabelos. – Não. Ele aguarda a sua agradável companhia no calabouço.

–Bom.

O silêncio se estabeleceu em torno deles e ele viu a respiração superficial dela e, em seguida, os olhos agitarem.

Mathimus estava xingando e misturando algo em um pequeno recipiente no outro lado do catre.

–O que foi dado a ela? Que ervas? Você ao menos as conhece? – Mathimus esbravejou.

Cyrus acenou com a mão.

–Algo da sacola dela que a moça pensou que iria ajudar com a dor. Não tenho certeza se adiantou.

–Ela deveria voltar ao castelo e descansar. Não vir aqui para tentar ajudar. –As mãos grandes de Mathimus embalaram a cabeça dela e seus dedos habilmente procuraram por... –Tem um hematoma na cabeça. Ela desmaiou?

Cyrus balançou a cabeça.

–Eu tentei forçá-la a ficar na fortaleza, mas ela é tão teimosa quanto Roidan.E sim, ela desmaiou duas vezes no caminho até aqui.

–Ela acordou facilmente? – Perguntou, verificando cuidadosamente seu rosto, seus dentes. –Você procurou por ossos quebrados?

Cyrus se mexeu.

–A última vez não conseguimos acordá-la tão facilmente. E sim, eu procurei por costelas quebradas – Olhando Roidan ele esclareceu, – Verifiquei os ferimentos quando ela desmaiou, uma vez que não deixou ninguém tocá-la antes de perder os sentidos.– Roidan amaldiçoou e se aproximou. –Acho que ela pode ter um par de costelas quebradas, ou ao menos machucadas.

–Você verificou? – Mathimus ladrou.

– Superficialmente...

Roidan pegou a mão dela e as esfregou.

–Ela não deixava ninguém tocar nela, – disse Cyrus mais suavemente. –Admito que ela cavalgou comigo, mas eu não queria aterrorizá-la mais. Calculei que deveria deixar Roidan lidar com ela quando chegássemos aqui. Eu a repreendi e, provavelmente, gritei com ela algumas vezes.

–Poucas? – Ela sussurrou, franzindo a testa.

Cyrus olhou para Roidan com as sobrancelhas erguidas.

–Ela disse que seria uma longa viagem, e queria estar com o cérebro e o corpo tão entorpecidos que seus xingamentos não a incomodariam.

Roidan não sorria, não achava nenhuma maldita graça naquilo. Ele cuidadosamente acariciou um fio de cabelo na testa dela.

–Você deveria estar em casa.

–Eu só estava descansando um pouco, – ela disse, apertando os dedos dele. –Vou ficar bem.

Mas Othgar's não iria.

Ele sentiu o músculo da mandíbula retesar-se.

–Não importa, – disse ela.

–Apenas descanse, – disse Cyrus. –Exatamente como você estava descansando ao lado do córrego...

Ela franziu a testa e olhou sobre o ombro de Roidan e disse:

–Você tem que contar tudo?

–Eu tive que recompor seu nariz, que o bastardo quebrou, e imaginar se Roidan iria me colocar para correr por arrastar você até aqui.

–Você não poderia ter me detido. O que ia fazer? Me bater? – Ela fechou os olhos.

Ninguém disse nada.

–Não, milady. Nunca, – Cyrus disse a ela.

Ela tentou abrir os olhos, o outro muito inchado até mesmo para mexer. Suas mãos tremiam, Roidan notou.

–Acalme-se, – ela disse, sua mão segurando o queixo de Roidan.

Ainda assim, ele não disse nada. Não poderia dizer. Não iria permitir que ela voltasse para aquele bastardo. Aquele casamento seria desfeito. Outros já haviam batido nela antes.

Mas ele não era os outros.

–O padre achou que seria melhor para mim ser uma esposa do que uma prostituta, – ela sussurrou.

Palavras ficaram presas em sua garganta. Ele se inclinou com cuidado, a beijou suavemente nos lábios e se levantou. Roidan acenou para Mathimus e deixou a tenda.

–Dê a ela alguma coisa, pelo amor de Deus. Eu não quero que sofra, – ele sussurrou.

Mathimus limpou as mãos.

–Um espancamento como aquele? Nada vai tirar a dor.

Ele deu ao próprio curandeiro um olhar furioso.

–Está bem, vou achar algo para mitigar a dor...nada que funcione efetivamente,mas será um paliativo.

–Não a quero ajudando no cuidado dos outros – disse ele, olhando para as chamas do fogo. –Ela fica na tenda, descansando.

– *Ela* não quer descansar, – disse ela logo atrás dele. Roidan virou-se, enquanto a moça continuava– Não posso ficar deitada. Dói. Enquanto estou me movendo não é tão ruim.

Ele encarou-a.

–Não me importo com o que você quer. Vai ficar na minha tenda. Você é minha.– Algo passou pelo rosto dela.

–Eu *não* sou sua. *Não* sou *sua*. Eu sou minha. Minha. Othgar não se importava com o que eu queria também.

Roidan deu um passo mais para perto dela, querendo cravar o punho em uma árvore. Ou no rosto de Othgar.

Muito, muito discretamente, para que não gritat com ela, ele disse:

–*Nunca* me compare aquele porco.

–Não insulte os porcos, – disse ela, puxando mais o manto.

Santificado fosse, ele não sabia se queria beijá-la, fodê-la, ou estrangulá-la.

–Não me insulte.

–Digo o mesmo, meu senhor.

Suspirando, ele se virou e olhou para as chamas.

–Se você quiser ajudar, é melhor descansar antes.

–Mas...

Ele virou a cabeça e observou os olhos inchados. O rosto dela estava tão agredido que as sardas eram invisíveis.

–Ele vai morrer lentamente, – ele sussurrou.

Ela o ouviu.

–E o que isso provaria?

Roidan abriu a boca para responder mas depois se calou.

Por um longo momento eles olharam um para o outro. Finalmente ele disse:

–Você se casaram, correto?

Ela se encolheu.

–Eu não considero...

Roidan ergueu o decreto.

–Se você quer dar crédito a isso, então suponho que por mentiras e enganos, nenhum da minha parte, eu estou casada.

Ele observou-a.

–Quando você melhorar eu reivindico a *jus primae noctis*³.

–Perdão?

–A noite de núpcias. Eu reclamo a noite de núpcias, é meu direito como Lord. – Acelwyn observou-o confusa.

–Por quê?

Porque você é minha.

Roidan não era estúpido o suficiente para dizer aquelas palavras mais uma vez.

–Porque é a minha escolha. Meu direito como barão.

–E eu aqui pensando que você não tinha nada em comum com o velho barão. –Ele não mordeu a isca.

Roidan observou enquanto ela caminhava lentamente para ele. Ficou tenso, pronto para segurá-la se caísse.

Não estava esperando por aquilo. Acelwyn agarrou o decreto da sua mão e o jogou ao fogo.

–Não estou mais casada.

Roidan não pode evitar. Riu.

–Você é uma mocinha desleal. –Com cuidado, a puxou para ele, segurando-a delicadamente, para não machucá-la mais.

–Não sou a posse de ninguém.

Ele não disse nada.

³ Latim: **O direito da primeira noite.**

(Latim: *jus primae noctis*), foi uma alegada instituição que teria vigorado na Idade Média, permitindo ao Senhor Feudal, no âmbito de seus domínios, desvirginar uma noiva na sua noite de núpcias.

Mathimus aproximou-se e entregou-lhe um copo.

–Ela precisa beber isto.

– O que há aí?

Mathimus apenas olhou para ela.

–As coisas que você precisa. Beba. –Suspirando, ela levantou a taça. Roidan notou como as mãos dela tremiam e a ajudou a beber.

–Está tudo bem amor.

–Podemos sentar? – perguntou ela.

–Não. –Ele cuidadosamente ergueu-a, embalando-a contra o peito. – Mas você pode deitar.

–Eu não quero...

–Antes de ajudar alguém, deve ajudar a si mesma, ou será inútil para qualquer alma aqui. –Isso não era exatamente verdade.

Entrou na barraca e se ajoelhou ao lado do catre para colocá-la ali.

–Fique comigo, por favor, – Acelwyn sussurrou, os olhos já baixando.

–Preciso primeiro falar com Cyrus e Mathimus.

Saiu rapidamente ao encontro dos homens.

–Então ela não está mais casada? – Cyrus perguntou.

Roidan olhou para o seu segundo em comando.

–Ela nunca foi casada.

–Ainda planejando alegar a noite de núpcias?

–Claro. E não pense que não estou bravo com você.

Cyrus ergueu a mão.

–Oh, não tenho nenhuma dúvida de que você está. Era o meu dever protegê-la e eu falhei.

–Está bem – Mathimus disse, –vocês dois podem brigar depois. Alguém precisa ficar com ela e acordá-la em algumas horas. Ela precisa descansar, mas com os desmaios e ferimentos na cabeça...

–Eu sei, – disse Roidan.

–Nós vamos cuidar das coisas aqui, –disse Cyrus.

–Você deveria tê-la mantido no castelo.

–Sim, eu sei. Mas a mulher é astuta. –Roidan não disse nada. Cyrus sorriu. –Então serei testemunha de seu casamento? – Ele empurrou Cyrus e entrou na tenda.

–Acelwyn? – Ele sussurrou, sentando-se sobre o catre de peles ao lado dela.

Roidan afastou os cabelos suavemente para longe e escutou a respiração superficial.

Por Deus aquele homem pagaria pelo que fez a Acelwyn.

Com cuidado, para não perturbá-la, Roidan lentamente a despiu. Amaldiçoou e murmurou a cada nova contusão que encontrou. Manchas escuras floresciam ao longo do peito e nas costas. Havia marcas de dedos nos braços. Ver marcas roxas nos seios alvos o enfureceram mais do que poderia imaginar.

Suas mãos tremiam enquanto verificava as pernas. Não havia hematomas ao longo da coxas nem se encontrava quaisquer outros sinais que ela havia sido forçada.

Roidan a cobriu até o queixo e recostou-se, apoiando um dos braços sobre os joelhos erguidos.

Nunca mais. Nunca mais alguém iria tratá-la assim.

Nunca mais iriam abusar dela. Ou aterrorizá-la.

Acelwyn era dele.

Sempre seria.

Os sons a acordaram, pássaros e pessoas que se deslocavam do lado de fora. A tenda ainda estava escura e fria. Sua cabeça doía

incrivelmente. Acelwyn tentou mover os dedos. Pelo menos Othgar não tinha pisado neles. Pela deusa, ela estava com frio. Mas o calor cobria seu lado esquerdo. Puxou as peles e percebeu que seu lado direito estava descoberto.

E que estava sem roupa. Franzindo a testa, se acalmou e depois tentou correr para mais perto do calor. O braço de Roidan envolveu-a e Acelwyn sibilou com a dor que serpenteava de suas costelas.

–Desculpe, – ele murmurou. –Esqueci –Ele se apoiou no cotovelo e a estudou.

Os olhos dele estavam cansados.

–Você está bem? – Roidan lhe perguntou.

–Estou nua. Você reivindicou seu direito de... – Ela não conseguia se lembrar o termo que ele usou na noite passada. Tentou se mexer, as peles suaves e quentes contra a pele maltratada.

Um sorriso lento repuxou no canto da boca de Roidan.

–Oh, querida. Se eu tivesse reivindicado uma noite de núpcias de você, confie em mim, você lembraria malditamente bem. Não importa que ervas Mathimus tenha lhe dado.

Lentamente, ela soltou um suspiro.

–Eu sabia disso. Quero dizer. Você não... – Ele ficou firme.

–Não. –Ele passou um dedo suavemente sobre sua bochecha. –Não, eu não faria. Vai me dizer o que aconteceu? Eu juntei pedaços do que Cyrus disse, e do que você disse, mas... – Ele balançou a cabeça e marcou um músculo em sua mandíbula.

–Deixei a fortaleza. Fui pega. Othgar foi cruel.Fui casada por um sacerdote desonesto. Cyrus chegou. Viajamos até aqui.

Roidan suspirou.Acelwyn sorriu diante do som,entre irritado e divertido.

–Vamos esperar aqui toda a manhã, se for necessário, – ele disse a ela, inclinando-se para beijar a ponta do seu nariz. –Vou encontrar meus homens enquanto você fica nua sob as peles me esperando.

–Eu devo ficar com medo?

Roidan só olhou para ela com aqueles olhos perversos.

Acelwyn fechou os olhos.

–Tudo bem.

Então ela lhe disse. Disse, hesitante no início, depois mais rápido, raiva e medo tingindo suas palavras. Ela vacilou quando falou de ser atacada em sua casa, de acordar no chão do navio de Othgar, do medo, do ódio e de não saber o que fazer, percebendo que ninguém estava ouvindo-a.

–Eu nunca fiquei tão feliz de ver alguém como fiquei ao ver Cyrus, – ela admitiu, seus olhos ainda fechados. –Eu só queria ir embora.

Acelwyn sentiu o dedo quente limpar uma lágrima que escorreu sob as pálpebras fechadas.

Ela não abriu os olhos.

–Eu só queria você, – ela sussurrou. –É por isso que vim. Eu sei que essas pessoas precisam da minha ajuda, mas eu simplesmente não... eu não podia. Eu só queria...

–Shhhh, – ele disse, gentilmente puxando-a para a curva de seu braço. Seu calor a envolveu. –Vai ficar tudo bem.

–Acha isso mesmo?

Sentiu ele sorrir contra sua testa.

–Claro.

–Tão arrogante...

A mão dele suavemente acariciou suas costas.

–Tão aborrecida...

–Se eu pudesse me mover sem desmaiar de dor, eu te mostraria o quanto sou aborrecida.

Os músculos dele ficaram tensos. Por um momento, Roidan não disse nada. Ela o ouviu engolir em seco.

–Você está com muita dor? O que posso fazer?

Acelwyn pensou em mentir, para minimizar o que tinha acontecido. Em vez disso, disse:

–Nada. Dormir, às vezes ajuda. Vai demorar um pouco para me recuperar totalmente.

–Como você sabe?

–Esta não é a primeira vez. Vou sobreviver.

Se pensou que Roidan havia ficado tenso antes, não era nada comparado ao que estava agora. Era como uma estátua ao lado dela, nem mesmo respirava. Acelwyn tentou vê-lo, mas sua cabeça estava muito machucada e a visão estava embaçando novamente.

–Esta será a última, –ele sussurrou ferozmente.

Ela deu um tapinha no peito dele.

Depois de algum tempo, Roidan se levantou, com cuidado para não balançar o catre. Ela o escutou se vestindo. Se mantivesse os olhos fechados, pelo menos a cabeça e os olhos não doíam tanto.

–Você vai descansar hoje. Nesta tenda. Vou pegar o que você precisa com Mathimus.

–As pessoas...

–Ficarão muito bem, – ele interrompeu. –Você não. Não me faça enviar guardas para vigiá-la.

Acelwyn balançou a cabeça levemente e apenas acenou com a mão para ele.

Poucos minutos depois, Roidan estava ao lado dela, persuadindo-a a beber alguma coisa.

Seja o que for que Mathimus utilizou, foi rápido. A escuridão se ergueu, girou em torno dela e a sugou profundamente para as sombras. Pelo menos, não sentiu mais a dor.

* * * * *

Vários dias depois, Acelwyn estava deitada em sua cama no castelo. Não se lembrava de como voltaram.

Mathimus curava com ervas fabulosas, algumas que trouxe de suas viagens. Algumas contusões ainda estavam escuras, apesar de outras terem uma estranha tonalidade esverdeada.

Vagamente lembrava-se da passagem dos dias. Lembrava-se de Roidan e Cyrus insistindo que bebesse caldo de carne e outra coisa. Seja o que for a permitiu dormir durante quase toda a jornada para casa.

Acelwyn olhou para a janela. Sons do pátio flutuaram até ela.

Ouviu alguém gritar. Foi o som que a acordou? Jogou de lado as cobertas e cuidadosamente se levantou. Mais uma vez alguém gritou e uma voz baixa retumbou depois.

Ela conhecia aquele retumbar, aquela voz profunda.

Olhando para baixo, ficou feliz por estar vestida. Se arrastando para a porta, abriu-a, mas Neil e outro dos soldados estavam de sentinela.

–Milady. O barão disse que deve ficar no quarto e não sair até que ele suba.

–Oh, ele disse, não disse? – perguntou em voz baixa.

Deus, ela ainda estava tão cansada e fraca. Odiava estar fraca. Mas suas pernas tremiam e Acelwyn colocou a mão na porta para encostar-se nela.

–Talvez, milady, devesse voltar e descansar. – O outro soldado se aventurou.

Ao invés de responder, ela fechou a porta e se arrastou até a janela, com as pernas tremendo com o esforço. Puxou a veneziana pesada.

O pátio estava iluminado com tochas.

No centro havia um pelourinho e acorrentado a ele estava Othgar.

Ela suspirou e sentiu o coração apertado.

Seus braços estavam amarrados acima da cabeça. Ele tinha sido despido até a cintura e das costas escorria sangue das marcas do que pareciam ser dezenas de chicotadas.

Roidan estava atrás dele, um chicote pendendo de sua mão.

–Ninguém tocará a minha mulher ou a mim novamente. Que isto seja uma lição para todos.

–Ela foi minha primeiro, – Othgar sibilou, a raiva ainda encobrindo suas palavras. –Uma parte dela será sempre minha.

Roidan deixou cair o chicote e puxou a espada.

Ela abriu a boca, querendo gritar,mas sem saber o que.

–Mentirosos pertencem ao inferno, – Roidan respondeu e foi até o homem com a espada.

Ninguém se moveu por um longo tempo. Acelwyn estremeceu e tentou respirar. Roidan se virou e olhou para a janela. Ela o viu se movendo para Othgar e depois dizer alguma coisa em voz baixa para Cyrus. Sem outra palavra, limpou a espada, a guardou e começou voltar para dentro.

Acelwyn pensou em fechar a janela, rastejar de volta na cama, mas não fez nenhuma dessas coisas. Em vez disso, ficou olhando enquanto desciam Othgar e jogavam seu corpo em uma carroça. O que eles fariam com ele?

–Ele vai ser enterrado, – Roidan disse ao seu lado.

Ela não o ouviu entrar. Virou-se bruscamente, assustada.

–Eu deveria me sentir mal por ele, – ela murmurou. –Parte de mim se sente, eu suponho.

–O que? – Ele deu um passo em sua linha de visão, a voz rascante de fúria.Em seguida, respirou profundamente e a afastou da janela. –Deveria ter dormido um pouco mais.

–Eu não deveria desejar a morte de um homem, – ela sussurrou. – Sou uma curandeira.

Ele a puxou para mais perto e fechou a veneziana.

–É normal sentir-se assim.

–Mas...

–Ele prejudicou *você*. Ninguém pode fazer isso. –Disse ele contra seus cabelos. Então puxou-a mais e se ajoelhou diante dela. – Ninguém. Nunca. Ninguém poderá feri-la enquanto eu respirar.

–Por que? –As palavras do sacerdote voltaram para ela. –O padre...

–O mandei embora. Disse que se ele alguma vez voltasse à minha ilha eu o mataria, homem santo ou não. Não quero governar através do medo como o velho barão, mas não vou permitir que ninguém ache que pode ousar prejudicar o que é meu e não pagar as consequências.

–Mas...

–Mas nada. Você é minha para proteger. –Ele gentilmente apertou os lábios contra os dela. –E você me deve uma noite de núpcias, eu acredito.

Acelwyn zombou.

–Não, não devo. Eu não estava realmente casada e mesmo se estivesse, agora sou uma viúva.

–Não...Realmente não estava casada e mesmo se fosse assim, não ficaria por muito tempo.

Acelwyn franziu o cenho e tentou argumentar.

–O quê? O que quer dizer?

–Você é minha. – Ele apertou o dedo contra os lábios dela. –Eu sei, eu sei. Você pertence a você mesma. A ninguém mais. Sim, eu sei. No entanto, o fato é que eu vejo você como minha.

–A maioria dos homens não matam por suas prostitutas, –ela disse.

Ele retesou-se.

–Você *não é*, nem nunca foi, minha prostituta. Eu não gosto dessa palavra .

–Nunca estive com uma? Acho difícil de acreditar.

–Isso não é... quer dizer... – Ele bufou, fechou os olhos e ficou quieto por tanto tempo que ela se perguntou se Roidan tinha esquecido o que ia dizer. Antes de abri-los, ele disse suavemente. –Você é, sem dúvida, uma mulher exasperante. Mas é minha mulher. Minha. Não quero ninguém duvidando disso, questionando, nem provocando a minha ira novamente.

Acelwyn franziu a testa e o estudou, sacudindo a cabeça.

–Quero uma noite de núpcias, a minha própria, com minha esposa, – disse a Acelwyn , inclinando-se.

Capítulo Nove

Ela balançou a cabeça.

–Mas... você não pode... eu não sou... adequada... Você precisa... uma dama... e... – Ele sorriu.

–Sim pode. E sim, você é adequada e eu sei o que preciso.

Ela balançou a cabeça novamente.

Roidan suspirou.

–Eu posso convencê-la...

Seu coração começou a saltitar e pular. Casada? Com o barão? Ele estava falando sério? Será que ousaria acreditar nele?

–Você tomou alguma das bebidas de Mathimus? Não tenho nenhuma idéia do que ele coloca nelas, mas...

–Acha que não posso?

Ela não conseguia acompanhar.

–Pode o quê?

–Convencê-la?

Acelwyn não respondeu e, em vez disso fez, pergunto:

–Por quê?

–O quê?

–Por que você quer se casar comigo? –Era por pena? Tinha ouvido os aldeões se referirem a ela como *minha senhora*. Seria mais conveniente para ele? E afinal, isso importava?

–Porque é a minha escolha fazer isso –disse ele. Tão arrogante.

Ela só conseguia olhar para Roidan. O que honestamente sabia sobre ser a senhora de um castelo? O que sabia sobre ser uma dama?

–Sou uma curandeira. Eu curo. Não sei como ser uma senhora, sua senhora.– Ela balançou a cabeça e tentou entender.

–Pare de lutar com isso, Acelwyn, – ele sussurrou contra seus lábios, esfregando os dedos ao redor do centro de seus seios.

–Pare com isso – disse ela, batendo em suas mãos.

–Eu senti sua falta.

–Há mulheres que você poderia... – Ela parou. Não, não queria que ele fosse a outras mulheres. Para qualquer coisa que fosse.

Como se estivesse lendo sua mente, ele arqueou uma sobrancelha e sorriu.

–Eu também acho que não. – Então seu sorriso ampliou-se. –Nem haverá qualquer outro homem para você.

–Mas...

–Nenhum outro homem.

–Não estou falando isso e você sabe.

Ele beijou-a ao longo de sua mandíbula.

–Tente pensar em um bom argumento, minha ninfa, e eu o derrubarei.

Acelwyn estremeceu e tentou afastá-lo.

Sua língua traçou o queixo e ele lambeu o lóbulo da orelha antes de puxá-lo entre os dentes. Acelwyn estremeceu.

–Pare. Eu não posso...

–Hmmm? – Ele perguntou, com as mãos deslizando cuidadosamente sobre ela. Ela imaginou que Roidan ia tomá-la rapidamente.

Parte dela estava muito cansada, muito dolorida e não queria...

Seu dedo levemente circulou varias vezes ao redor do mamilo, endurecendo-o até que sentiu-o rígido contra o tecido da túnica.

–Você não pode o que? – Ele sussurrou, inclinando-se para pressionar a boca quente sobre o seio.

Ela podia sentir o calor dele através do tecido.

Acelwyn inclinou a cabeça para trás.

–Um... o quê?

Ele parou, afastou-se e gentilmente a conduziu para a cama. Acelwyn respirou profundamente e estremeceu. Preocupado com ela, Roidan resmungou baixinho.

–Você ainda está muito machucada.

–Talvez.

Ele a colocou na cama e a ajudou a tirar a túnica. Seus olhos se estreitaram enquanto se moveram sobre ela. Acelwyn não pôde evitar a tentação de se cobrir.

–Não, – ele ordenou, a voz profunda, baixa. –Nunca se esconda de mim. –Ele afastou delicadamente suas mãos para longe.

Ela só olhou para ele.

–Eu quero você, – Roidan disse, traçando uma das contusões em seus seios. –Mas eu não quero machucá-la.

Acelwyn não respondeu.

Roidan deitou-a gentilmente na cama, as peles macias fazendo cócegas em suas costas, na parte de trás das coxas e no traseiro.

Ele pairava sobre ela, ainda com a túnica. Um pequeno sorriso puxou um canto de sua boca.

–Esta noite vou dar prazer a você.

Acelwyn franziu o cenho.

–Você sempre me dá prazer.

–Shhhh... – Ele olhou em volta, caminhou até o baú, procurando algo.

Acelwyn o observou até que Roidan ergueu um tecido vermelho na mão. Ele o envolveu em torno de seus punhos e testou, puxando fortemente.

–Sim, isso vai servir. –Sorrindo maliciosamente para ela, voltou para a cama. –Agora quero que você agarre isso, acima de sua cabeça e não solte.

O tecido não era muito longo. Como uma faixa ou cachecol. Ela fez como ele tinha feito e o envolveu nas mãos, puxando forte, mas a dor sacudiu ao longo de sua costela, então o soltou.

–Vamos ver.

Vendo a preocupação nos olhos dele, ela disse:

–Agora o que? – Mas o desejo já estava desfraldado e provocou uma onda quente em seu ventre.

–Agora. –Ele se inclinou e a beijou levemente nos lábios machucados. –Agora você simplesmente se recosta e fecha os olhos, desfrutando o que eu fizer com você. –Ela inclinou a cabeça e o olhou. – Confie em mim. E quando desejar se mover, tocar, deve dar um puxão nesse tecido. Ou quer deixar para experimentar outro dia?

–E?

Um sorriso dançou nos olhos dele com a curiosidade explícita no olhar de Acelwyn. Observando-a, Roidan lambeu um tentador rastro quente para baixo em direção ao ventre.

Ela estremeceu. As mãos dele puxando-a gentilmente, para que os quadris ficassem na beira da cama. Acelwyn ouviu o tinir da espada, enquanto Roidan amaldiçoava e jogava a arma num canto.

Com os olhos ainda nos dela, se colocou entre seus joelhos, forçando suas coxas a se afastarem.

Acelwyn começou a tremer só de vê-lo observá-la, estudar tão particularmente aquele lugar nela. Ela lambeu os lábios.

–E então? – Olhos quentes a observaram para, em seguida, Roidan cair de joelhos entre as coxas.

–Lembre-se do que eu disse, você só pode puxar o cachecol. Se não conseguir, se doer, simplesmente não faça e se for ainda muito doloroso para você diga-me que irei parar. –Ele franziu a testa novamente e então balançou a cabeça. –Talvez devêssemos esperar um pouco...

–Não. Não vamos esperar. Já esperei demais. Eu estou bem. Vou tentar não me mover, mas e se o fizer? – Ela sussurrou, enquanto a boca de Roidan começou a beijar a partir do interior do joelho para cima, os dedos desenhando e traçando padrões na pele macia. Ela estremeceu.

Quando um dedo traçava entre a coxa e o quadril, Acelwyn se contorceu.

–Não. Sem movimentos, – ele repreendeu.

Acelwyn não o queria provocando e brincando com seu corpo. Ela só queria...

Roidan levou uma eternidade para chegar onde ela o queria. Primeiro com os dedos desenhando padrões e círculos lentamente até o interior de suas coxas até que apenas roçou as bordas exteriores dos lábios. Quando ela tentou abrir mais as coxas, ele mordeu levemente.

–Você se mexeu.

Seus músculos começaram a tremer e ele ainda não tinha realmente *tocado* nela.

Então Acelwyn sentiu os dedos deslizarem suavemente ao longo de sua vulva para separar as dobras e mantê-las abertas para ele. O ar frio soprou nela seguido pelo hálito quente. Ela gemeu.

Roidan traçou com o dedo do clitóris até um pouco abaixo da fenda. Mais e mais.

Então delineou círculos sobre a pele mais macia do corpo dela.

–Oh... Oh... Roidan, – ela sussurrou. Ele traçava círculos pequenos, outros maiores, cada vez mais perto, mas sem nunca entrar, nunca pincelando mais que um...

Então, sua boca estava sobre ela, quente e úmida, fogo e líquido, e ela estremeceu, gemendo, o pano vermelho esquecido.

Acelwyn o queria. Queria que ele...

—Por favor...

Sua boca mordiscava e beliscava, a língua... a perversa, cruel língua a molhou e lambeu. Seus próprios gemidos vibrando contra ela e Acelwyn quase se afastou, mas ele a manteve no local com os braços fortes.

—Você se mexeu – disse ele, as palavras tremendo contra ela.

Ela estava tão perto, a respiração ofegante, mas não se importou. Ela só queria Roidan. Queria mais. Muito mais.

Ele deslizou um dedo longo e grosso nela, seus olhos nunca deixando-a, depois outro. Para frente e para trás. Dentro e fora. Dentro. Fora. Os olhos ainda sobre ela, ele inclinou-se e colocou os dentes suavemente na protuberância antes de morder, chupar forte e enfiar os dedos no fundo.

Acelwyn gritou, esquecendo a faixa estúpida e teria se inclinado se suas costelas não tivessem repuxado e a mantido ainda melhor do que qualquer tira de pano teria feito.

—Roidan! Roidan! Ohhhh...

Ainda assim, ele a manteve na espera. Manteve-a tremendo, querendo, pedindo, implorando...

Ela não conseguia respirar. Suas costelas a refreavam toda vez que tentava dar uma respiração profunda. Ofegante, tentou pensar, dizer, para...

—Você quer gozar? – Perguntou ele, erguendo a cabeça por entre suas coxas, sua essência brilhando no queixo dele.

Todos os músculos do seu corpo estremeeceram.

—Por favor.

—Diga que vai casar comigo.

—É...

Ele circundou o clitóris e ela gemeu. Oh, por favor. Ela tinha que fazer. Tentou afastar-se da mão dele, mas Roidan não permitiu que ela fizesse qualquer movimento.

–Diga. Diga as palavras que eu quero ouvir.

–Você está louco? – murmurou.

Ele empurrou os dedos dentro dela, enrolando-os no fundo e ela fechou os olhos enquanto gritava.

–Sou determinado. - empurrou novamente nela. – Eu quero você. Para dentro e para fora. Dentro. Fora.

–Então, tenha-me.

–Como minha esposa.

Seus olhos deslizaram até ele. Estava falando sério.

–Tudo bem, – ela deixou escapar.

–Sim. – Com os dedos enterrados, ele se inclinou sobre ela e beijou sua boca, e Acelwyn sentiu seu gosto nele.

–Diga. Diga que você é minha, – sussurrou quente contra seu ouvido. Ela suspirou.

–Sou sua. Eu tenho sido desde o momento eu o vi pela primeira vez. – Seus dedos impulsionaram mais forte, mais profundo, mais rapidamente, esfregando o polegar em círculos no clitóris até que ela envolveu suas mãos, com lenço vermelho e tudo, em torno do pescoço dele e se sacudiu contra a mão dele enquanto a beijava.

Luzes brilhantes circulavam atrás das pálpebras fechadas, e relâmpagos derrubaram seus nervos, saltando para seus músculos e gritando através de sua própria alma. Ela sentiu-se romper, agarrou-se e flutuou...

–Eu ainda não sei por que você me quer como sua esposa.

Roidan estava deitado atrás dela na cama, segurando-a muito perto.

–Porque você me faz rir.

–Cyrus também faz.

–Mas você é mais bonita que Cyrus e eu não acho que ele deitaria-se em um jardim comigo. –Ela riu, seu corpo doendo com o esforço.

–Eu penso em você muitas vezes durante o dia. – Ele a beijou no ombro. – E não gosto quando você não está ao meu lado na cama. – Suas mãos mediram o ventre dela. –E porque gosto de ouvi-la rir, ver o sol brilhando como fogo em seu cabelo e quero ver como nossos filhos serão.

Ela gostou disso. Encostando-se mais, disse,

–Isso é tudo?

–Rapariga. Que tal isso? Eu sou o barão e minha noiva será escolhida por mim.

–E quanto a opinião da noiva? – Acelwyn beijou-lhe o pulso.

–Vou gostar se ela escolher o barão.

–Então você não irá forçá-la a escolher?

Roidan esfregou o pescoço dela, os dedos deslizando para os seios.

–Forçar? Não, não o farei. Talvez coagir. – Com a língua lambeu um rastro quente atrás da orelha dela. – Ou seduzir. – Ela sorriu.

–Você já fez isso.

Roidan nunca lhe faria mal. E ela o amava.

–Hmmm. Bonitas palavras. – Ela olhou nos olhos dele, esfregando a mão ao longo dos cabelos. –E já que eu te amo, suponho que devo casar com o barão. Eu só espero que o barão tenha feito a escolha certa.

Seus olhos se encontraram enquanto ela cuidadosamente se virou para olhar para ele.

Roidan se inclinou e a beijou, sussurrando contra sua boca.

–Oh, o barão fez a escolha perfeita, como é seu direito.

Fim

Ebooks distribuídos sem fins lucrativos e de fãs para fãs.

A comercialização deste produto é estritamente proibida.

